



**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO**

**MARIANA CARNEIRO DE SOUZA
“O Começo do Fim do Mundo”: Um festival punk em São Paulo em meio à Ditadura
Militar**

[MEMORIAL DESCRITIVO]

**SÃO PAULO
2025**

MARIANA CARNEIRO DE SOUZA

“O Começo do Fim do Mundo”: Um festival punk em São Paulo em meio à Ditadura Militar

[MEMORIAL DESCRITIVO]

Memorial descritivo apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Jornalismo da Universidade de São Paulo, como requisito obrigatório para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor Dr. Celbi Pegoraro

SÃO PAULO
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Cyntia e Mauro, e à minha irmã, Helena, pelo carinho e apoio constantes. Às minhas avós, tias, tios e priminhos, que estão sempre presentes, independentemente da distância — seja ela de apenas 100 metros entre dois condomínios, quase 3 mil quilômetros entre Belém e São Paulo, ou mais de 8 mil quilômetros separando o Brasil do Canadá. Ao professor Celbi Pegoraro, pela orientação. A todos os entrevistados, que contribuíram para tornar este projeto possível. Aos criadores das histórias em quadrinhos que eu cresci lendo: Mauricio de Sousa, Liniers, Bryan Lee O'Malley e Gerard Way. À Maira e à Giovana, minhas melhores amigas desde a escola e para sempre. E aos amigos que fiz na USP: Fernanda, Emilly, Pedro, Murillo, Júnior e tantos outros. Muito obrigada pela companhia e por todas as risadas ao longo desses quatro anos e meio de graduação.

RESUMO

“O Começo do Fim do Mundo” é um fanzine que apresenta, através de uma reportagem em quadrinhos, a eclosão da cultura punk no estado de São Paulo no fim da década de 1970, período de reabertura do regime ditatorial brasileiro. Jovens contestadores buscavam externar seu descontentamento com o cenário político nacional através de canções agressivas, com melodias simples e poucos instrumentos. Com base nos relatos de 12 músicos, a reportagem resgata a história do primeiro festival punk brasileiro, “O Começo do Fim do Mundo”, realizado no Sesc Pompeia no final de semana dos dias 27 e 28 de novembro de 1982. Ao todo, 22 bandas se apresentaram no evento, que reuniu mais de 3 mil espectadores e terminou de forma abrupta após uma interrupção de agentes do governo militar.

Palavras-chave: Punk, música, fanzines, jornalismo em quadrinhos.

ABSTRACT

“O Começo do Fim do Mundo” is a journalistic fanzine that presents, through the framework of comics, the emergence of punk culture in the state of São Paulo in the late 1970s, a period of transition from the Brazilian military dictatorship back to democracy. Youngsters expressed their discontent with the political scene through aggressive songs, with simple melodies and few instruments. Based on the testimonies of 12 musicians, the fanzine recounts the history of the first Brazilian punk festival, “O Começo do Fim do Mundo”, held at Sesc Pompeia over the weekend of November 27 and 28, 1982. In all, 22 bands performed at the event, which brought together more than 3 thousand spectators and ended abruptly after an interruption by agents of the military government.

Keywords: punk, music, fanzines, comics journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETIVO	5
3. JUSTIFICATIVA	6
4. PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	7
4.1 Pesquisa documental e imagética	7
4.2 Busca por fontes	8
4.3 Entrevistas, decupagem e roteiro	8
4.4 Quadrinização	9
5. CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	10
6. ROTEIRO	11
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1. INTRODUÇÃO

Na década de 1970, em Londres, na Inglaterra, o punk surgiu entre as classes sociais mais oprimidas como uma manifestação de revolta adolescente. Pouco depois, em 1980, o punk atravessou o Atlântico e explodiu também no Brasil — mais especificamente, no estado de São Paulo, onde encontrou adeptos na capital e na região do ABC paulista. A rebelião punk de São Paulo, no entanto, não foi uma cópia importada do punk de fora, mas uma identificação adaptada à realidade local (BIVAR, 2018). Na época, o país vivia a reabertura política da ditadura militar, período marcado por greves operárias no ABC, altas taxas de inflação e as primeiras articulações do movimento Diretas Já. As bandas punk brasileiras, logo, buscavam externar o descontentamento da juventude com o cenário político nacional através de suas músicas. A crítica à ditadura ficava explícita não apenas nas letras das canções, mas também nos nomes dos grupos, como AI-5, Condutores de Cadáveres, Restos de Nada, Cólera, Fogo Cruzado, Desertores, Decadência Social, Extermínio, Hino Mortal, Passeatas e Estado de Coma, dentre outros.

Em 1982, o primeiro grande festival punk brasileiro, chamado *O Começo do Fim do Mundo*, foi realizado no Sesc Pompeia, na Zona Oeste da capital paulista. Ao longo dos dois dias de evento, mais de vinte bandas se apresentaram, por quinze minutos cada; paralelamente, houve uma exposição de fotos, filmes e vídeos sobre o movimento. No segundo dia, o festival foi interrompido por agentes do governo militar. O público foi reprimido com violência e alguns

até mesmo se refugiaram em uma igreja evangélica da região. Há uma discordância entre os relatos sobre o motivo da interrupção ao evento: alguns dizem que os militares invadiram o local a pedido de moradores do bairro, que estavam incomodados com o barulho, e outros afirmam que a invasão se deu para conter uma briga entre gangues rivais da capital e do ABC paulista.

Do festival, destaca-se também a venda de camisetas com estampas das bandas, bottons, discos e fanzines — tipo de revista alternativa produzida de forma amadora por jovens adeptos à cultura punk e distribuída gratuitamente, ou por um valor irrisório, para disseminar os ideais do movimento. Os fanzines punk costumavam agregar textos diversos, histórias em quadrinhos do editor e dos leitores, reprodução de histórias em quadrinhos antigas, poesias, divulgação de bandas independentes, contos, colagens, experimentações gráficas e tudo aquilo que o editor julgava interessante para sua publicação (CARLOS; GELAIN, 2018). Com o passar dos anos, os fanzines se tornaram uma ferramenta cultural de resistência, mídia alternativa que tem como função propagar de forma simplificada novas ideologias e informações que não se tornam pautas da grande imprensa (THORNTON, 1996).

O primeiro fanzine punk foi *Sniffin' Glue* (“Cheirando cola”, em português), publicado em 1976 por Mark Perry, bancário inglês de dezenove anos. Entediado com o emprego, ele decidiu escrever uma crítica sobre o álbum de estreia da banda Ramones. Produziu oito páginas usando apenas uma máquina de escrever e um marcador hidrográfico, tirou duzentas cópias em xerox e distribuiu a publicação para algumas lojas de discos em Londres. Foi um sucesso. Na quinta edição do fanzine, Perry incentivou seus leitores: "Não se satisfaçam com o que nós escrevemos. Saiam e comecem seus próprios fanzines, ou mandem suas críticas para a imprensa tradicional. Vamos pegá-los pelos nervos e inundar o mercado com a escrita punk!". O formato chegou ao Brasil em 1982, quando teve início a publicação do fanzine *Manifesto Punk*, que trazia informações sobre bandas cariocas, paulistas e internacionais (MAGALHÃES, 1993). Logo surgiram também os fanzines *Descarga Suburbana*, *Revolução Punk*, *Vitória Punk*, *Horizonte Negro*, *SP-Punk* e mais.

2. OBJETIVO

Este projeto tem como objetivo final a produção de uma reportagem em quadrinhos veiculada em fanzine, registrando, através de relatos de músicos presentes no evento, o surgimento do

movimento punk no Brasil, bem como suas principais características e o contexto político nacional em que ele estava inserido; o processo de idealização e organização do festival; sua realização e o final abrupto causado pela interrupção de agentes do governo militar.

3. JUSTIFICATIVA

O Começo do Fim do Mundo foi uma manifestação cultural importante do movimento punk paulista. A produção de uma reportagem em quadrinhos sobre o festival é uma forma de contribuir para o registro da história oral do evento — por vezes imprecisa, como no caso do motivo da interrupção do festival por agentes da ditadura militar, mencionado anteriormente —, que aconteceu em meio à ditadura militar, época de extrema relevância para a história do país. Examinar a história do festival, logo, também significa analisar o período ditatorial brasileiro sob um recorte pouco explorado pela mídia.

No que diz respeito ao formato, as reportagens em quadrinhos se destacam devido ao sistema narrativo composto por dois códigos em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel específico, reforçando um ao outro e contribuindo para a construção de um argumento principal. Os desenhos agregam informação ao texto, como sexo, idade, classe social e profissão dos personagens, permitindo um processo identitário com o leitor. Também identificam o local e seu contexto para a compreensão das ações relatadas (PAIM, 2021).

Uma crítica frequente ao jornalismo em quadrinhos é o fato de que seus desenhos são considerados subjetivos e, dessa forma, vão contra uma suposta objetividade inerente à profissão. Contudo, em outras áreas do jornalismo que utilizam imagens para agregar informações — como o telejornalismo e o fotojornalismo —, o realismo das fotos e vídeos esconde a articulação discursiva dos fatos e apresenta uma falsa noção de transparência (PAIM, 2021). Não existe objetividade plena no jornalismo, uma vez que o viés do repórter sempre influenciará o resultado final. Por isso a importância da aplicação do método jornalístico na construção de um texto, seja ele verbal, imagético ou híbrido, como as histórias em quadrinhos.

Além disso, histórias em quadrinhos apresentam uma vantagem em relação a outras formas

textuais aplicadas ao jornalismo. As HQs são compostas por quadros e sarjetas — os espaços entre um quadro e outro, que reúnem acontecimentos subentendidos. Logo, parte da mensagem não é expressa graficamente ou textualmente, e deve ser completada pela interpretação do leitor. Muitas histórias jornalísticas são baseadas em indícios de fatos ou em episódios dos quais não se tem confirmação dos acontecimentos até os mínimos detalhes — em geral, há sempre muitas lacunas para além das informações disponíveis. Usando a linguagem dos quadrinhos, esses fragmentos podem ser reunidos em uma narrativa única e fluida, sem a necessidade de ficcionalizar as passagens em que não existe clareza, pois essas passagens são deixadas entre os quadros (PAIM, 2021).

Além disso, a escolha do jornalismo em quadrinhos para esse projeto foi influenciada pelo fato das HQs dialogarem com um produto característico do movimento punk e da contracultura como um todo — o fanzine, publicação alternativa e independente cuja linguagem mescla textos, colagens, desenhos e fotografias, e que trata de assuntos pouco abordados pela imprensa comercial (MAGALHÃES, 1993). Outra característica típica dos fanzines também dialoga com a proposta deste trabalho de conclusão de curso: a possibilidade de produção centrada em um único indivíduo, que se encarrega completamente do processo, desde a concepção da ideia até a coleta de informações, diagramação, composição, ilustração, montagem, paginação e distribuição.

4. PROCEDIMENTO TÉCNICOS

4.1 PESQUISA DOCUMENTAL E IMAGÉTICA

A primeira etapa do processo consistiu na pesquisa a partir de informações sobre o movimento punk brasileiro e o festival disponíveis em livros, jornais, internet, documentários, artigos e mais. Destaco os livros *Punk*, de Antonio Bivar (publicado originalmente em 1982), *Meninos em fúria*, de Marcelo Rubens Paiva e Clemente Nascimento (2016), e *Mate-me por favor: Uma história sem censura do punk*, de Legs McNeil e Gillian McCain (publicado originalmente em 1996); bem como os documentários *O Fim do Mundo, Enfim*, dirigido por Camila Miranda (2016), e *Botinada - A Origem do Punk no Brasil*, dirigido por Gastão Moreira (2006); obras que foram de suma importância para o projeto.

Também busquei registros fotográficos da época para nortear as ilustrações da reportagem em quadrinhos. Devido ao teor jornalístico do projeto, é desaconselhável o uso de imagens

advindas da imaginação do autor (PAIM, 2021), fator que reforça a importância da pesquisa de imagens. Um grande aliado na pesquisa de imagens foi o Facebook, rede social em que pessoas que participaram do movimento punk na década de 1980 costumam compartilhar fotos de seus arquivos pessoais.

4.2 BUSCA POR FONTES

Em seguida, iniciei a busca por fontes que estiveram no festival e poderiam compartilhar suas experiências e memórias. Não era uma tarefa fácil, considerando a distância temporal do evento, que aconteceu em novembro de 1982. Elaborei uma planilha com os nomes das 20 bandas que se apresentaram no festival (descobri, posteriormente, que mais dois grupos tocaram no evento sem anúncio prévio, totalizando 22 bandas) e, em seguida, entrei em contato com aquelas que ainda estavam em atividade. Em alguns casos, o contato foi mediado por um assessor de imprensa, e em outros, falei diretamente com membros do grupo através de mensagens pelo Instagram, Facebook ou WhatsApp. Além disso, procurei outras possíveis fontes em grupos no Facebook dedicados à música punk brasileira.

Ao longo do processo, descobri que grande parte das bandas que seguem em atividade contam com apenas um ou dois integrantes de sua formação original. Outros membros se afastaram da carreira musical por motivos pessoais, necessidades financeiras — são poucos os grupos cujos integrantes vivem integralmente da música, a maioria possui empregos paralelos —, ou, infelizmente, já faleceram.

4.3 ENTREVISTAS, DECUPAGEM E ROTEIRO

Os entrevistados foram Val Pinheiro e Pierre Pozzi, únicos membros remanescentes da formação original da banda Cólera; Clemente Nascimento, da banda Inocentes; William Talibã, Ari Baltazar, Anselmo Carlucci e Valter Muniz, da banda Fogo Cruzado — dentre eles, Muniz foi o único a se apresentar no festival em 1982, mas Baltazar e Carlucci estiveram no evento como espectadores —; Vladi, João 'Ogro' e Douglas, da banda Ulster — dentre eles, apenas Vladi se apresentou no evento —; Lila, guitarrista das Skizitas, banda feminina que não estava na programação oficial do festival, mas que se apresentou no sábado; e Mauro Moreno, vocalista da Lixomania, que não se apresentou no festival devido a um desentendimento com seus colegas de banda, mas esteve no evento como espectador.

Dei preferência à realização de entrevistas presenciais. Acompanhei um ensaio da banda Ulster em um estúdio de gravação na Vila Mariana, em São Paulo, e entrevistei a banda no local. Também assisti a um show da banda Cólera em um festival de rock em Santo André, na região metropolitana de São Paulo, e entrevistei os membros do grupo após a apresentação. À pedido das fontes, as outras entrevistas foram realizadas por chamadas de vídeo na plataforma Zoom ou por telefonemas.

As entrevistas foram realizadas entre março e abril. Algumas fontes precisaram ser abandonadas devido a conflitos de agenda. Uma entrevista com a banda DZK (antes Decadência Social), por exemplo, estava agendada para acontecer presencialmente após um show do grupo em São Paulo em 5 de abril, mas o evento foi cancelado no dia anterior. Como a próxima apresentação da banda aconteceria somente em junho e eles não concordaram com a realização da entrevista via chamada de vídeo, precisei descartar a fonte.

Em seguida, as entrevistas foram decupadas com auxílio da plataforma gratuita Google Pinpoint e usadas como base para a elaboração de um roteiro. Por desconhecer modelos de roteiro específicos para reportagens em quadrinhos, utilizei como base a estrutura clássica de um roteiro para reportagens em vídeo, que aprendi na disciplina de telejornalismo. Criei uma tabela com três colunas: a primeira indica o número da página; a segunda, o texto em cada quadro; e a terceira conta com uma descrição imagética das cenas que seriam ilustradas.

4.4 QUADRINIZAÇÃO

Com o roteiro finalizado, iniciei a produção das ilustrações que compõem a reportagem. Elas foram feitas manualmente, em papel Strathmore para técnicas mistas, esboçadas em grafite e posteriormente finalizadas com canetas nanquim. Como a maioria dos fanzines punk da década de 1980 eram impressos em *grayscale* — configuração gráfica que inclui apenas tons de cinza, preto e branco, tipicamente mais baratos que impressões coloridas —, optei por desenvolver as ilustrações totalmente em preto e branco e colorir alguns detalhes em cinza, utilizando marcadores à base de água.

Em algumas páginas, também há colagens de fotos da época ou artigos de jornal, que foram adicionadas digitalmente no programa de ilustração digital Photoshop, utilizando fotos que

Apresentação para a banca									X
---------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	---

6. ROTEIRO DA REPORTAGEM EM QUADRINHOS

Página	Texto	Ilustração e/ou colagem
1	Na década de 1970, em Londres, na Inglaterra, jovens insatisfeitos com a crise econômica e o desemprego que assolavam o país deram origem a um novo movimento musical, social e estético: o punk.	Vários jovens de visual punk um do lado do outro, algo como <i>Os Operários</i> de Tarsila do Amaral.
	Marginalizados e sem perspectiva de futuro, os adolescentes da classe operária já não se identificavam com os astros glamourosos que ouviam nas rádios.	Discos do David Bowie na sua era glam rock, Mick Jagger na capa da Rolling Stone em julho de 1972 / Carteira vazia com um mosquito saindo dela (contraste entre o glamour do rock e a pobreza dos jovens que escutavam rock).
	Em resposta, eles começaram a produzir músicas rápidas e agressivas, com letras contestadoras, acordes simples e poucos instrumentos.	Desenho de uma guitarra, um baixo, uma bateria e um microfone, como em um catálogo, com a legenda "KIT PUNK".
2	Tão importante quanto a música era o visual rude que a acompanhava. Marcas da exclusão, como roupas rasgadas remendadas com tachas e alfinetes, se tornaram emblemas do movimento.	Dois jovens, um menino e uma menina, de cara fechada e braços cruzados, com elementos típicos do visual punk: moicano, jaquetas de couro, maquiagem pesada, etc.
	A atitude malcriada dos punks também não passava despercebida. Em 1976, Johnny Rotten, vocalista da banda Sex Pistols, chocou a sociedade inglesa ao dizer um palavrão ao vivo na TV, bem na hora do chá das	Família sentada em frente à TV, tomando chá, com expressão de choque. Na tela a imagem do Johnny Rotten e um balão de fala saindo da TV dizendo "Shit!".

	cinco.	
3	Até então, a palavra punk — do inglês “madeira podre” — era usada como gíria para tudo aquilo que não prestava: delinquentes, drogados, antissociais, prostitutas e homossexuais.	Colagem com verbetes de dicionários da época usando “punk” como sinônimo de delinquente.
	Quem popularizou o uso do termo para descrever o som e a postura dessas novas bandas foi uma revista norte-americana chamada, apropriadamente, <i>Punk</i> .	Capas das duas primeiras edições da revista, retratando Lou Reed e Patti Smith.
	A publicação cobria a cena musical alternativa de Nova York, que, assim como os ingleses, começava a produzir um rock cada vez mais simples, rápido e sujo.	Ramones em frente à casa de shows CBGB.
4	Não demorou para o movimento atravessar o Atlântico e explodir também no Brasil — especialmente no estado de São Paulo, onde encontrou adeptos na capital e na região do ABC paulista, composta pelas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul.	Mapa-múndi mostrando o trajeto do punk da Inglaterra até São Paulo.
5	A Vila Carolina, um bairro periférico entre a Freguesia do Ó e o Limão, na Zona Norte de São Paulo, foi um dos grandes berços do punk na cidade.	Ilustração da região da Vila Carolina.
	A gente ouvia os Sex Pistols falando sobre os problemas de Londres e pensava, “alguém tem que falar sobre a nossa quebrada”.	Clemente Nascimento Em 1978, aos 15 anos, formou com amigos da escola uma das primeiras bandas punk brasileiras, <i>Restos de Nada</i> . Hoje é vocalista dos

		<i>Inocentes e da Plebe Rude.</i>
6	A rebelião punk brasileira, portanto, não foi uma cópia importada do punk de fora, mas uma identificação adaptada à realidade local. Na época, o país vivia a reabertura política da ditadura militar, período marcado por greves operárias no ABC, levantes estudantis, altas taxas de inflação e as primeiras articulações do movimento Diretas Já.	Colagens de fotos dos eventos que mencionei no texto.
	Questionado, Chico Buarque afirmou uma vez: Se punk é o lixo, a miséria e a violência, então não precisamos importá-lo da Europa, pois já somos a vanguarda do punk no mundo inteiro.	Chico Buarque e o texto em um balão de fala.
7	O conhecimento da juventude sobre o punk-rock chegava através de revistas, programas de rádio e discos importados dos Estados Unidos ou Inglaterra.	Quadro com esse texto na parte superior da página.
	A gente era tudo moleque, só ouvíamos as novidades quando elas tocavam na rádio ou o Fabião, da loja Punk Rock Discos, trazia pra gente o material das bandas de fora.	Val Pinheiro, baixista da banda Cólera.

	<p>Todo mundo trabalhava de office-boy e não ganhava muito. A grana que eu tinha ia para ajudar em casa e o que sobrava eu juntava para tentar comprar um disco. E os discos de punk eram caros, às vezes o dobro do preço de um disco nacional.</p>	<p>Anselmo Carlucci, baixista das bandas Fogo Cruzado e Inocentes.</p>
	<p>A Punk Rock Discos virou o nosso quartel general. Era lá que a gente se abastecia de música, de camisetas, de fanzines e de informação.</p>	<p>Vladi, baixista da banda Ulster.</p>
	<p>Aberta em junho de 1979, a loja ficava no segundo andar da Galeria do Rock, então conhecida apenas como Centro Comercial Grandes Galerias, na região central de São Paulo.</p>	<p>Ilustração da fachada da loja Punk Rock Discos, com base em uma foto.</p>
8	<p>Eu conheci o punk aos 14 anos, quando comecei a trabalhar em uma empresa na Barra Funda. Lá eu fiquei amiga do Alemão, um garoto que trabalhava no almoçarifado.</p>	<p>Lila, guitarrista da banda Skizitas.</p>
	<p>[Balão de fala da Lila em off] A gente trocava discos de vinil.</p> <p>[Lila] Led Zeppelin. Meu favorito.</p> <p>[Alemão] Isso é uma porcaria. Você tem que ouvir isso aqui.</p>	<p>Lila entrega um disco para o Alemão, e ele entrega um disco do Ramones para ela (destaque à capa do disco, já que ele não vai mencionar o nome da banda no balão de fala).</p>
	<p>[Lila] Deep Purple!</p> <p>[Alemão] Isso também não presta! Toma.</p> <p>[Balão de fala da Lila em</p>	<p>Desenho similar, Lila entrega um disco do Deep Purple e Alemão entrega um disco do Sex Pistols.</p>

	off] E foi assim que ele me levou pro punk.	
9	Tinha muito, muito, muito mais meninos do que meninas no punk naquela época.	Celular em ligação com a Lila, foto de perfil dela na tela e o som da fala em um balão.
	[Mariana, em off] E você sofreu algum preconceito por ser mulher nesse movimento tão masculino?	Balão de fala saindo da parte inferior da tela, indicando que a pergunta vem de quem está do outro lado da ligação.
	[Balão de fala da Lila em off] Sofri, sim. Sofri porque sempre gostei de ser livre, andava por aí com as roupas que queria. Usava minissaia, decote e tal.	Lila jovem caminhando pela rua, com uma roupa similar à descrição dela. Ilustração baseada nas fotos que ela me enviou. No fundo, um muro com cartazes de shows punks da época, retratando a diferença no preço dos ingressos para “punks” e “punkinhas” (colagem).
	E só o que eu esperava dos rapazes era respeito. E a grande maioria respeitava, tá? Mas sempre tinha uma laranja podre.	
10	Lembro de um garoto que tentou me agarrar em vários shows. Me incomodava bastante.	Um homem se aproximando dela na plateia de um show.
	Ele só parou quando eu arrumei um namorado. Quando uma menina namorava, os rapazes não mexiam mais com ela para evitar confusão. Vai que o namorado era de uma gangue adversária, sabe?	Lila, visivelmente incomodada, empurrando ele para longe.
11	Paralelamente à formação das primeiras bandas punk paulistas, surgiram também as primeiras gangues, muito inspiradas pelo filme <i>Warriors: Selvagens da Noite</i> .	Ilustração baseada em uma foto da entrada do Cine Marabá, em São Paulo, com um grande pôster de Warriors, em 1979.

	<p>Lançada em 1979, a produção hollywoodiana retrata a disputa entre as gangues Gramercy, Rogues e Warriors pelo domínio da cidade de Nova York.</p>	<p>Cena do filme que mostra uma briga entre gangues sendo exibida em uma sala de cinema.</p>
	<p>Todo mundo já saía do cinema brigando, achando que era um dos Warriors. A violência nos fascinava muito.</p>	<p>Anselmo</p>
	<p>Dentre as principais gangues da capital, estavam os Maquiavélicos, da Barra Funda; Carolina Punk, da Vila Carolina; Os Metralhas, da Zona Leste; Phuneral Punk, da Zona Sul; Punk Terror, de Pirituba; e muitas outras. Cada região da cidade era dominada por um grupo distinto.</p>	<p>Colagem com fotos das gangues.</p>
12	<p>Conflitos acalorados também aconteciam entre os punks da capital e os do ABC.</p>	<p>Quadrinho na parte superior da página com esse texto.</p>
	<p>Os motivos para a rixa eram vários. Como resultado das lutas operárias e sindicais que aconteciam na região, os punks do ABC eram mais politizados do que os da capital – e, por isso, se consideravam “mais punks”.</p>	<p>Desenho de corpo inteiro de um punk do ABC, com características típicas do seu visual (costumavam usar macacão de metalúrgico, cabelos com penteados “normais”).</p>
	<p>Já os punks paulistanos se vangloriavam por terem mais acesso aos discos e às informações que chegavam do exterior, além de um visual mais polido.</p>	<p>Idem, mas um punk de São Paulo e seu visual típico.</p>
	<p>Os caras da cidade eram bonitinhos, limpinhos, jaquetinha de couro, coturno engraxadinho. Já o ABC era aquela coisa podrona,</p>	<p>Punk Tina Ramos para o documentário Botinada (2012). Quadrinho com os créditos da fala na parte inferior da página.</p>

	sujona.	
13	Muitas vezes nem tinha motivo para as brigas, era só para extravasar aquela testosterona adolescente. Quando você junta um monte de moleque bravo, costuma dar um problema.	Clemente
	Lá no começo, quando as turmas se desentendiam, elas saíam no soco e ponto final. A coisa começou a ficar mais feia quando apareceram as armas. A galera andava com canivete, corrente, revólver...	Ari Baltazar, guitarrista da banda Fogo Cruzado.
	Isso atrapalhou muito o movimento. Cada punk ficava no seu canto, andar pela área de uma gangue rival era pedir para morrer.	Anselmo
14	A rivalidade rendeu episódios violentos.	Quadrinho com esse texto na parte superior da página.
	Uma vez eu fui com uma amiga para o Construção, um dos primeiros salões de punk de São Paulo. Rolou uma briga com o pessoal do ABC e alguém acendeu uma bomba. Um cara disse “fujam daqui, vocês não têm nada a ver com isso”, e a gente correu pra fora.	Lila
	A bomba, um coquetel molotov, explodiu na mão de Antônio de Pádua, então vocalista da banda <i>Passeatas</i> , do ABC. Ele acabou tendo o braço direito amputado.	A bomba que foi arremessada: “uma lata de cerveja, que ainda era daquelas de aço, tinha um pavio e estava cheia de pólvora, bolinhas de gude, parafusos e pregos” (descrição do Clemente no livro <i>Meninos em Fúria</i>).

	<p>“Não vou ser hipócrita, a intenção era machucar todo mundo mesmo. Felizmente, não conseguimos”.</p>	<p>Antônio de Pádua para o documentário <i>Botinada</i> (2012). Ilustração da cena do documentário em uma TV, retratando a prótese de gancho que Pádua usava na mão, e sua declaração em um balão de fala. Créditos na parte inferior do quadro.</p>
15	<p>Apesar dos percalços, o movimento punk alcançou seu auge em 1982. Em abril daquele ano, as bandas Olho Seco, Inocentes, Cólera, Anarcoólatras e M-19 se reuniram para gravar o primeiro disco do punk nacional.</p> <p>A gravação aconteceu no estúdio Gravodisc, no centro de São Paulo, especializado em música evangélica. Nenhum dos jovens tinha familiaridade com os equipamentos e, na primeira tentativa de gravação, o som ficou péssimo. Foi necessário regravar. Anarcoólatras e M-19 não voltaram para a segunda sessão e, conseqüentemente, ficaram de fora do disco final.</p> <p>Chamado <i>Grito Suburbano</i>, o álbum contava com três músicas de cada grupo e foi lançado pelo selo próprio da Punk Rock Discos.</p>	<p>Capa e contracapa do disco <i>Grito Suburbano</i> centralizada na página, com as caixas de texto ao redor.</p>
16	<p>O ano também foi marcado por várias tentativas de apaziguar os ânimos das gangues rivais.</p> <p>Na noite de 28 de agosto de 1982, aconteceu no Salão Beta da PUC, em São Paulo, o <i>Show da União</i>, um evento</p>	<p>Show acontecendo no Salão da PUC e logos das bandas que se apresentaram naquela noite.</p>

	<p>com três bandas de regiões diferentes: Inocentes, da Zona Norte da capital; Ulster, de São Bernardo do Campo; e Passeatas, de Santo André.</p>	
	<p>Graças à eleição de chapas anarquistas nos centros acadêmicos de diversas universidades paulistas, o punk se aproximava cada vez mais dos movimentos estudantis e encontrou nas instituições de ensino o espaço perfeito para seus shows.</p>	
17	<p>O show na PUC, contudo, acabou em desastre.</p>	
	<p>Durante a apresentação dos Inocentes, policiais militares da Rota invadiram o salão e o público se dispersou. Em meio à confusão, uma bomba explodiu no Centro Acadêmico da universidade.</p>	<p>Policial de costas, segurando um cassetete, entrando na sala onde acontece o show. Ao lado dele, um balão com a onomatopeia “boom” representando a explosão e público do show correndo para a saída.</p>
	<p>Na época, a queima de arquivos era uma tática comum da polícia para boicotar a transição democrática, mas os punks serviram como bode expiatório e levaram a culpa pelo atentado.</p>	
18	<p>Desmoralizado pela grande mídia, o movimento punk via a necessidade de se organizar.</p>	<p>Fachada do Sesc Pompeia na época (ainda era chamado Sesc-Fábrica da Pompéia).</p>
	<p>Logo, acontece a maior e mais ousada tentativa de unir os punks de São Paulo e os do ABC – o festival O Começo do Fim do Mundo, no recém-inaugurado Sesc Pompeia.</p>	

19	<p>A iniciativa partiu de Antônio Bivar, escritor e dramaturgo paulista. Bivar conheceu o punk na década de 1970, quando viveu em Londres, exilado da ditadura militar. De volta ao Brasil, se encantou pela cena punk nacional e escreveu um livro a respeito.</p>	<p>Antônio Bivar e a capa original do livro ao lado.</p>
	<p>Chamado <i>O Que É Punk</i>, o livro foi publicado pela Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, em 1982.</p>	
	<p>O festival era a festa de lançamento do livro do Bivar. A ideia era reunir todas as bandas mais importantes da época, uma verdadeira amostra do que estava acontecendo.</p>	<p>Clemente</p>
20	<p>O evento aconteceu ao longo de um final de semana, nos dias 27 e 28 de novembro de 1982, e contou com shows de 20 bandas.</p>	<p>Quadrinho na parte superior da página com esse texto.</p>
	<p>SÁBADO</p> <p>Dose Brutal Psykóze Ulster Cólera Neuróticos M-19 Inocentes Juízo Final Fogo Cruzado Desertores</p>	<p>Releitura do pôster original do festival, com a ilustração de um punk no centro e o nome das bandas na programação ao redor.</p>
21	<p>DOMINGO</p> <p>Suburbanos Passeatas Decadência Social Olho Seco Extermínio</p>	<p>Idem. Essa página e a anterior precisam estar lado a lado.</p>

	Ratos de Porão Hino Mortal Estado de Coma Lixomania Negligentes	
22	Além dos shows, o evento contou com uma grande parte expositiva, com fotos, filmes e vídeos sobre o movimento punk.	Ilustração dessa área do festival, com base em fotos.
	Foi a primeira vez que a gente se apresentou num lugar que fazia parte, oficialmente, do mapa da cultura de São Paulo. Até então a gente tocava em salões pela periferia, em Sociedades Amigos de Bairro, escolas, faculdades... mas o Sesc era outra coisa.	Clemente
	[Balão de fala do Clemente em OFF] O festival foi até anunciado nos jornais. Foi a primeira vez que a gente pôde mostrar para um público não-punk o que era o punk.	Colagem com matérias da Folha de S. Paulo e Estadão noticiando O Começo do Fim do Mundo.
23	A gente esperava que o festival fosse reunir só a galera de São Paulo e do ABC, mas veio gente do Brasil inteiro. Tinha punk de Minas, punk do Rio de Janeiro, punk de várias partes do Brasil. Foi emocionante pra caralho ver toda aquela galera junta.	Pierre Pozzi, baterista da banda Cólera
	E a qualidade do equipamento da maioria das bandas era precária, então o festival foi bacana porque quem tinha um instrumento bom levou e emprestou para os outros.	Pierre

	A primeira vez que eu toquei em um contrabaixo Fender, se eu não me engano, foi ali.	Val, baixista da Cólera
	Foi um puta clima legal, umas dez bandas tocaram com meu baixo e umas dez outras com a guitarra do Callegari. O amplificador era nosso também.	Clemente
24	Eu toquei no festival no sábado, com as Skizitas.	Lila
	Fomos a primeira banda punk de garotas em São Paulo. E era punk, punk mesmo, músicas toscas, só com três notas, uma barulheira. A gente era muito doida.	Ilustração das Skizitas com base em uma foto que ela me enviou.
	Nós nem estávamos na programação, mas rolou um convite na hora. Alguém disse “deixa as meninas tocarem!”, pegamos instrumentos emprestados e o resto é história.	
	E não fomos só nós que tocamos, tá? Também teve uma outra banda de garotas, a Zona X. A vocalista era minha amiga, ela já faleceu.	Ilustração da Zona X com base em uma foto do arquivo pessoal de Mauro Moreno.
25	[OFF] [Lila] Você acredita que eu levei a minha mãe?	Lila e sua mãe no festival, com base em uma foto que ela me enviou.
	[OFF] [Lila] Saímos de casa, em Santana, e pegamos um ônibus que passava pelo Bom Retiro e ia pra Pompeia.	Mapa do trajeto de ônibus que ela descreveu (ilustração ou colagem com o mapa real).
	[OFF] [Lila] Fomos nós e mais uma galera.	Ela e a mãe sentadas no ônibus, rodeadas de punks.

	[OFF] [Lila] No fim, ela nem viu a gente tocar. A gente não sabia que horas ia entrar no palco, demorou muito, então ela voltou para casa. Mas ela gostou, todo mundo foi muito respeitoso.	Skizitas no palco se apresentando.
26	[OFF] [Lila] Naquela época as Skizitas só tinham duas músicas. Em uma delas, a alça do contrabaixo arreventou e a gente teve que parar. Na outra, a gente começou a tocar um som e a vocalista cantou a música errada. É aquela coisa, você bebe muito e acaba dando nisso. Mas foi divertido.	Ilustração de página inteira do show das Skizitas com quadros de texto ao redor.
27	Pouco tempo antes do festival, em setembro de 1982, a gente lançou o compacto Violência & Sobrevivência*. E chegou-se a conclusão que o disco não ficou muito legal. *Primeiro disco solo de uma banda punk brasileira O culpado sempre é o vocalista, disseram que minha voz ficou uma bosta. E o pior é que eu concordei na época!	Mauro Moreno, vocalista da banda Lixomania.
	[Moreno, em off] Então decidiram pelas minhas costas que eu estava fora da banda. E nem me avisaram pessoalmente, eu soube pelo Antônio Bivar.	Ilustração de Moreno e Bivar conversando em uma mesa de bar enquanto bebem (cena descrita pelo entrevistado).

	<p>Cara, tô super empolgado pra esse show no Sesc.</p>	<p>Fala do Moreno, sentado de frente para o Bivar na mesa do bar. Ilustração mostra só as costas do Moreno e o Bivar com "cara de tacho" (palavras do entrevistado).</p>
	<p>[Bivar] Como assim, Moreno? Cê não tá sabendo? [Moreno] Sabendo de quê, porra?</p>	<p>Mesmo enquadramento do quadro anterior.</p>
	<p>[Bivar] Você tá fora da banda. [Moreno] Como? [Bivar] É, eu que tô fazendo a listagem dos participantes do festival e seu nome não tá lá. [Moreno em off, em um balão no inferior da página] Na hora fiquei em choque, fiquei muito puto.</p>	<p>Bivar e Moreno frente a frente, enquadramento mais próximo aos rostos deles.</p>
28	<p>[Moreno, em off] Eu ainda fui no festival como parte do público. Foi legal, apesar da frustração de não ter subido ao palco como músico.</p>	<p>Ilustração do público no Sesc Pompeia.</p>
	<p>O festival foi espetacular, ao mesmo tempo que foi tosqueira pra caramba, porque nenhuma banda lá sabia tocar. A maioria das bandas punk não sabiam.</p>	<p>Moreno</p>
29	<p>Quem recebeu o convite para tocar no Começo do Fim do Mundo foi o nosso guitarrista, o Luizão. Ele estava lá na Punk Rock Discos quando apareceu alguém que tinha</p>	<p>Vladi</p>

	envolvimento com o festival e já fez a proposta.	
	“A gente tá organizando um festival no Sesc e queríamos saber se vocês topam tocar. Vão ser todas as bandas de São Paulo e do ABC juntas”	Luizão e outro punk conversando na Punk Rock Discos.
	[OFF] [Vladi] E ele topou. Não tinha esse negócio de ficar pensando muito, se surgiu uma oportunidade de show, vambora. A gente nem imaginava a dimensão que o evento ia tomar.	
30	[OFF] [Vladi] Nós tocamos no sábado, aquele dia foi tranquilo.	
	[OFF] [Vladi] A gente foi de trem do ABC até a Pompeia com o Índio, vocalista da banda Hino Mortal. Ele tava totalmente possuído.	Cenas dos punks no trem, chegando na Água Branca, e depois, já no Sesc, o Índio arremessando as latas de lixo, como ele falou.
	[OFF] [Vladi] Descemos na Água Branca e fomos andando até o Sesc. Lá o Índio encontrou uns barris grandes de lixo e começou a jogar aquilo pra todo lado. E eu pensava, “Ai, meu pai, de hoje o Índio não escapa”. Mas escapou, o problema mesmo foi só no domingo.	
31	[OFF] [Vladi] Nosso show foi bem agressivo. A Ulster sempre foi uma banda violenta, em termos de som e de mensagem. Fazíamos provocações políticas, religiosas, sociais...	
	Andar nas ruas, cortar os pulsos e ter correntes Desafiar a polícia em tiroteio	Ilustração na página inteira, banda no palco usando máscaras pretas e tocando a

	<p>Espalhar a revolta a sua volta Com violência há de vencer! Os leões estão marcados! Os leões estão marcados! Os leões estão marcados!</p>	<p>música “Os Leões Estão Marcados” (letra ao lado).</p>
32	<p>E o nosso visual também era chocante. A gente tocava usando máscaras pretas, parecendo terroristas. O nome da banda foi inspirado pelos terroristas do IRA*, afinal.</p>	<p>Vladi Adicionar um quadrinho com um asterisco no final da página explicando brevemente o que é IRA (Sigla em inglês para o Exército Republicano Irlandês, grupo terrorista ativo no século 20 que buscava tornar a Irlanda um território independente da Inglaterra — em especial a província de Ulster, ao Norte do país.)</p>
	<p>Lá no começo nossas máscaras eram feitas com uns pedaços de lycra. Não tinha buraco para os olhos e nem para a boca.</p>	<p>João Ogro, atual baterista da Ulster. Entrou para a banda pouco depois do festival.</p>
	<p>[OFF] [OGRO] Não dava nem cinco minutos de show e a gente começava a transpirar. O suor entrava no olho, ardia muito e a gente não enxergava mais nada. Já até caímos do palco por causa disso, mas ninguém ligava.</p>	<p>Cena que ele descreveu de alguém caindo do palco usando a máscara.</p>
33	<p>Acho que foi por isso que a gente saiu na capa de um jornal no dia seguinte e a Rede Globo filmou só o nosso show para a reportagem que fizeram sobre o festival.</p>	<p>Vladi</p>
	<p>Não foi porque a gente era melhor que as outras bandas, muito pelo contrário, a gente era uma das piores. Mas</p>	<p>Vladi</p>

	acho que a nossa imagem causava o maior impacto.	
	Em São Paulo, milhares de jovens se reuniram neste fim de semana num grande festival punk.	Ilustração de uma TV com imagem do Sergio Chapelin na reportagem da Globo sobre O Começo do Fim do Mundo no Jornal Nacional, e um balão com a fala ao lado.
	Pela primeira vez no Brasil, o movimento punk convocou seus adeptos para um encontro. Pelo número de pessoas que apareceu aqui, os punks são muitos. Três mil jovens lotaram o centro de lazer do Sesc paulista ontem e hoje, num festival aberto onde qualquer coisa valia.	Cenas do festival com fala da repórter da Globo em off.
	[Repórter] Por que você põe um alfinete na boca? [Punk] É mais uma forma da gente se libertar. Uma forma de protesto.	
	A música punk é um monocórdio ritmado. A dança lembra cenas de luta livre.	
34	No fim da tarde de domingo, os vizinhos do centro de lazer do Sesc, assustados com a briga entre os punks, chamaram a polícia.	Ilustração de uma TV com imagem do Sergio Chapelin na reportagem da Globo sobre O Começo do Fim do Mundo no Jornal Nacional, e um balão com a fala ao lado.
	A polícia só apareceu porque teve uma briga com faca.	Vários quadrinhos, com cada entrevistado contando a sua versão. Pierre
	Saiu uma treta entre os punks de São Paulo e os punks do ABC. Aí o Índio subiu em um poste na rua e gritou, "Vocês não se	Clemente

	odeiam? Por que não resolvem a treta agora mesmo?". Os moradores viram aquele bando de punk quase entrando nas vias de fato e chamaram a polícia.	
	O pessoal na rua vandalizou algumas coisas, aí, no final, os caras apareceram com a Tropa de Choque.	Vladi
	A vizinhança viu aquele bando de gente estranha mal vestida e chamou a polícia. Comigo não aconteceu nada, mas uma boa parte do público chegou a ser levado de camburão.	Moreno
	Nem tinha motivo, a polícia militar só invadiu e o couro comeu. Muita gente foi presa, uma galera se escondeu numa igreja evangélica ali perto.	Muniz, guitarrista da banda Fogo Cruzado.
	Qualquer manifestação jovem a polícia vinha e batia mesmo. Eu apanhei muito naquele dia.	Anselmo
35	A polícia foi arbitrária? Foi. Mas essa truculência toda não era só um sintoma da ditadura militar. A polícia é violenta até hoje. É só ver a invasão ao baile funk que aconteceu em Paraisópolis há uns anos atrás.	Clemente
	Em 1º de dezembro de 2019, nove jovens foram mortos e outros 12 foram feridos durante uma ação da Polícia Militar contra o Baile da DZ7, na favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo. Até o fechamento desta reportagem, em maio	Colagem com matérias de jornal sobre o caso.

	de 2025, ninguém havia sido preso.	
	É que, na verdade, como aquele festival aconteceu no Sesc, a repressão ganhou muita projeção na mídia. Na periferia, a gente já brincava que os shows tinham horário para começar e terminavam assim que a polícia chegasse.	Clemente
	Eu rodei muitas vezes para a 1ª DP. Era só ter punk reunido que a polícia aparecia também. Se você usasse um bracelete de rebite eles tomavam, se andasse de moicano eles jogavam água para baixar o cabelo. Não era fácil, não.	Lila. Ao lado, uma placa de proibição com ilustrações de elementos típicos do punk, como moicano, pulseira de rebite e jaqueta de couro.
36	Apesar da confusão que rolou no final, <i>O Começo do Fim do Mundo</i> mudou totalmente o cenário do rock brasileiro. Não só o do punk, o do rock nacional como um todo mesmo.	Val Pinheiro
	Logo depois do evento surgiram as primeiras oportunidades da gente assinar com grandes gravadoras. Mas os caras queriam mandar muito, controlar o nosso som, então pulamos fora.	Ilustrações das capas de álbuns da Cólera, todos lançados de forma independente.
	Somos independentes até hoje, não topamos entrar nessa máquina. Mas eu não critico ninguém que topou, às vezes você precisa se submeter a certas exigências para sobreviver. Cada um cuida da sua e cada um é feliz do seu jeito.	Val

37	O festival não passou sem deixar suas marcas. Uns anos depois nós assinamos com a Warner Music e lançamos alguns discos, mas poucos tiveram a mesma chance. O LP do <i>Começo do Fim do Mundo</i> é o único registro de várias bandas daquela época.	Clemente
	Para recompensar as bandas que se apresentaram no evento, o Sesc bancou a prensagem de um disco gravado ao vivo no festival.	Capa do disco <i>O Começo do Fim do Mundo</i> .
	Naquela época não existia a palavra cachê. Ninguém sabia o significado, tinha que pesquisar no dicionário. O disco foi o cachê daquela galera.	Anselmo
	Tudo foi gravado em tape-deck, um equipamento bem tosco, de um só canal. A gente apertava o rec durante os shows e torcia para ele conseguir pegar o som. Era o que estava disponível para nós na época, ninguém pode dizer que a gente não levava o “Faça Você Mesmo” a sério.	Val Pinheiro
38	Lançado em 1983, o disco reúne músicas de 19 dos 22 grupos que se apresentaram no festival. Os shows das bandas femininas Skizitas e Zona X não foram gravados. Já a banda Ulster, descontente com a qualidade da gravação, se recusou a participar da coletânea.	Capa do álbum <i>O Começo do Fim do Mundo</i> e um disco saindo dela.
39	Nos anos seguintes ao festival, o punk paulista entrou em decadência. Apesar dos repetidos	

	<p>esforços para conter as brigas entre gangues, a violência persistiu — e acabou inviabilizando o aspecto musical do movimento.</p>	
	<p>Muitas bandas encerraram suas atividades. As que permaneceram se distanciaram do punk: os Ratos de Porão, por exemplo, passaram a se dedicar ao som <i>hardcore</i>, e os Inocentes, ao <i>pós-punk</i>.</p>	
40	<p>Eu só fui terminar o ensino médio depois que saí do punk. Eu parei de estudar para viver aquilo tudo intensamente. A maioria de nós parou.</p>	Lila
	<p><i>O Começo do Fim do Mundo</i> foi só um final de semana, mas a gente era punk em todos os outros 363 dias do ano.</p>	

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis - punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Editora Scritta, 1994.

AGUIAR, João Francisco. **A Subversão dos Fanzines Punks**. Justu, 2020. Disponível em: <https://www.justu.com.br/post/a-subvers%C3%A3o-dos-fanzines-punks>. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

ANDRADE, Felipe. **O Começo do Fim do Mundo – O marco da resistência punk em meio à ditadura**. Coletivo Canguru, 2018. Disponível em: <https://coletivocanguru.wordpress.com/2018/04/07/o-comeco-do-fim-do-mundo-o-marco-da-resistencia-punk-em-meio-a-ditadura/>. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

BIVAR, Antônio. **Punk**. São Paulo: Edições Barbatana, 2018. (Coleção Outros Passos, v.4).

BOTINADA: A Origem do Punk no Brasil. Direção: Gastão Moreira. São Paulo: ST2 Video, 2006. 1 vídeo (75 min). Disponível em: https://youtu.be/trIAXkc003k?si=Hc4v_pZt18gv0kis. Acesso em: 5 abr. 2025.

BRONCA Social: Punk. **Memorial da Democracia**, 2015. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/page/bronca-social/estilos/punk>. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

CARLOS, Giovana Santana; GELAIN, Gabriela Cleveston. **Fanzine e subcultura punk: produção, consumo e identidade na cena brasileira**. In: Vozes & Diálogo, Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, n. 1, v. 17, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/11703>. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

CARVALHO, Mirella; GOMES, Laliane; GUIDO, Laura; TAVARES, Ricardo. **Fanzines são destaque na Mostra de Jornalismo Alternativo**. 2023. Disponível em: <https://jornalismo.unifesspa.edu.br/assuntos/171-fanzines-s%C3%A3o-destaque-na-mostra-d-e-jornalismo-alternativo.html>. Acesso em: 16 de novembro de 2024.

FREITAS, Tainá; MARINS, Cecília; VICENTIS, Maria. **Parque das Luzes**. São Paulo: Tangerina Books, 2022.

GABRIEL, Ruan de Sousa. **Meninos em fúria recorda como o punk da periferia conquistou SP nos anos 1980**. Época, 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/10/meninos-em-furia-recorda-como-o-punk-da-periferia-conquistou-sp-nos-anos-1980.html>. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros

Passos, 1993.

MCNEIL, Legs; MCCAIN, Gillian. **Mate-me por favor: uma história sem censura do punk**. Tradução de Lúcia Brito. Porto Alegre: L&PM, 2014.

MILANI, Marco Antonio; CARDOSO JÚNIOR, Hélio Rebello. **Os fanzines como meio de disseminação de saberes**. In: Anais do Congresso de Iniciação Científica da UNESP. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127173?locale-attribute=es>. Acesso em: 16 de novembro de 2024.

NASCIMENTO, Luiza Alves de Lima. **Fanzines Riot Grrrl e as Mídias Digitais**. Orientador: Dr. Heitor Luz da Silva. 2018. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unifoa.edu.br/server-unifoa/api/core/bitstreams/25559282-aaaa-4631-9985-4c06c8012db1/content>. Acesso em: 16 de novembro de 2024.

O FIM do Mundo, Enfim: O Documentário. Direção: Camila Miranda. São Paulo: Selo Sesc, 2016. 1 vídeo (43 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VrpyqtpAEOc>. Acesso em: 10 mar. 2025.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de. **Os fanzines contam uma história sobre punks**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

PAIM, Augusto. Apontamentos sobre a área do jornalismo em quadrinhos e o gênero da reportagem. In: SILVA, V. P. B.; MOTA, C. M. L. (org.). **Jornalismo em quadrinhos: contextos, pesquisas e práticas**. Florianópolis: Insular, 2020. cap. 1, p. 63-93.

PAIM, Augusto. **Pequeno manual da reportagem em quadrinhos**. Porto Alegre: Arquipélago, 2023.

RIBEIRO, Eduardo. **‘O Fim do Mundo, Enfim’, conta a história do primeiro festival punk brasileiro, em 1982**. Vice, 2016. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/o-fim-do-mundo-enfim-documentario-festival-punk-1982/>. Acesso em: 15 de novembro de 2024.

SILVA, Vinícius Pedreira Barbosa da; MOTA, Célia Maria Ladeira (org.). **Jornalismo em quadrinhos: contextos, pesquisas e práticas**. Florianópolis: Insular, 2020. (Série Jornalismo e Sociedade, v.8).

THORNTON, Sarah. **Club cultures**. Cambridge: Polity, 1995.

USP Especiais #65: Punk – O começo do fim do mundo. **Jornal da USP**, 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/podcast/usp-especiais-65-punk-o-comeco-do-fim-do-mundo/>.

Acesso em: 15 de novembro de 2024.

o começo do fim do mundo

MARIANA CARNEIRO





O COMEÇO DO FIM DO MUNDO

LIMA REPORTAGEM EM QUADRINHOS
SOBRE A ASCENSÃO DO MOVIMENTO
PUNK EM SÃO PAULO EM MEIO À
DITADURA MILITAR

MARIANA CARNEIRO

2025

NA DÉCADA DE 1970, EM LONDRES, NA INGLATERRA, JOVENS INSATISFEITOS COM A CRISE ECONÔMICA E O DESEMPREGO QUE ASSOLAVAM O PAÍS DERAM ORIGEM A UM NOVO MOVIMENTO MUSICAL, SOCIAL E ESTÉTICO: O PUNK.



MARGINALIZADOS E SEM PERSPECTIVA DE FUTURO, OS ADOLESCENTES DA CLASSE OPERÁRIA JÁ NÃO SE IDENTIFICAVAM COM OS ASTROS GLAMOUROSOS QUE OUVIAM NAS RÁDIOS.



KIT PUNK



EM RESPOSTA, ELES COMEÇARAM A PRODUIR MÚSICAS RÁPIDAS E AGRESSIVAS, COM LETRAS CONTESTADORAS, ACORDES SIMPLES E POUCOS INSTRUMENTOS.

TÃO IMPORTANTE QUANTO A MÚSICA ERA O VISUAL QUE A ACOMPANHAVA.



MARCAS DA EXCLUSÃO, COMO ROUPAS RASGADAS, REMENDADAS COM TACHAS E ALFINETES, SE TORNARAM EMBLEMAS DO MOVIMENTO.

A ATITUDE MALCRIADA DOS PUNKS TAMBÉM NÃO PASSAVA DESPERCEBIDA. EM 1976, JOHNNY ROTTEN, VOCALISTA DA BANDA SEX PISTOLS, CHOCOU A SOCIEDADE INGLESA AO DIZER UM PALAVRÃO AO VIVO NA TV, BEM NA HORA DO CHÁ DAS CINCO.



ATÉ ENTÃO, A PALAVRA PUNK – DO INGLÊS "MADEIRA PODRE" – ERA USADA COMO GÍRIA PARA TUDO AQUILO QUE NÃO PRESTAVA: DELINQUENTES, DROGADOS, ANTISSOCIAIS, PROSTITUTOS E HOMOSSEXUAIS.

Punk, *pungk*, *n.* rotten wood used as tinder: (*Shak.*) a strumpet. [*Spunk.*]

PUNK, *n.* A species of fungus, or some decayed wood, used as tinder. *Shak.*
2. A prostitute; a strumpet. *Shak.*

*VERBETES PRESENTES EM CHAMBER'S DICTIONARY (1903) E WEBSTER DICTIONARY (1897), RESPECTIVAMENTE

QUEM POPULARIZOU O USO DO TERMO PARA DESCREVER O SOM E A POSTURA DESSAS NOVAS BANDAS FOI UMA REVISTA NORTE-AMERICANA CHAMADA, APROPRIADAMENTE, 'PUNK MAGAZINE'.



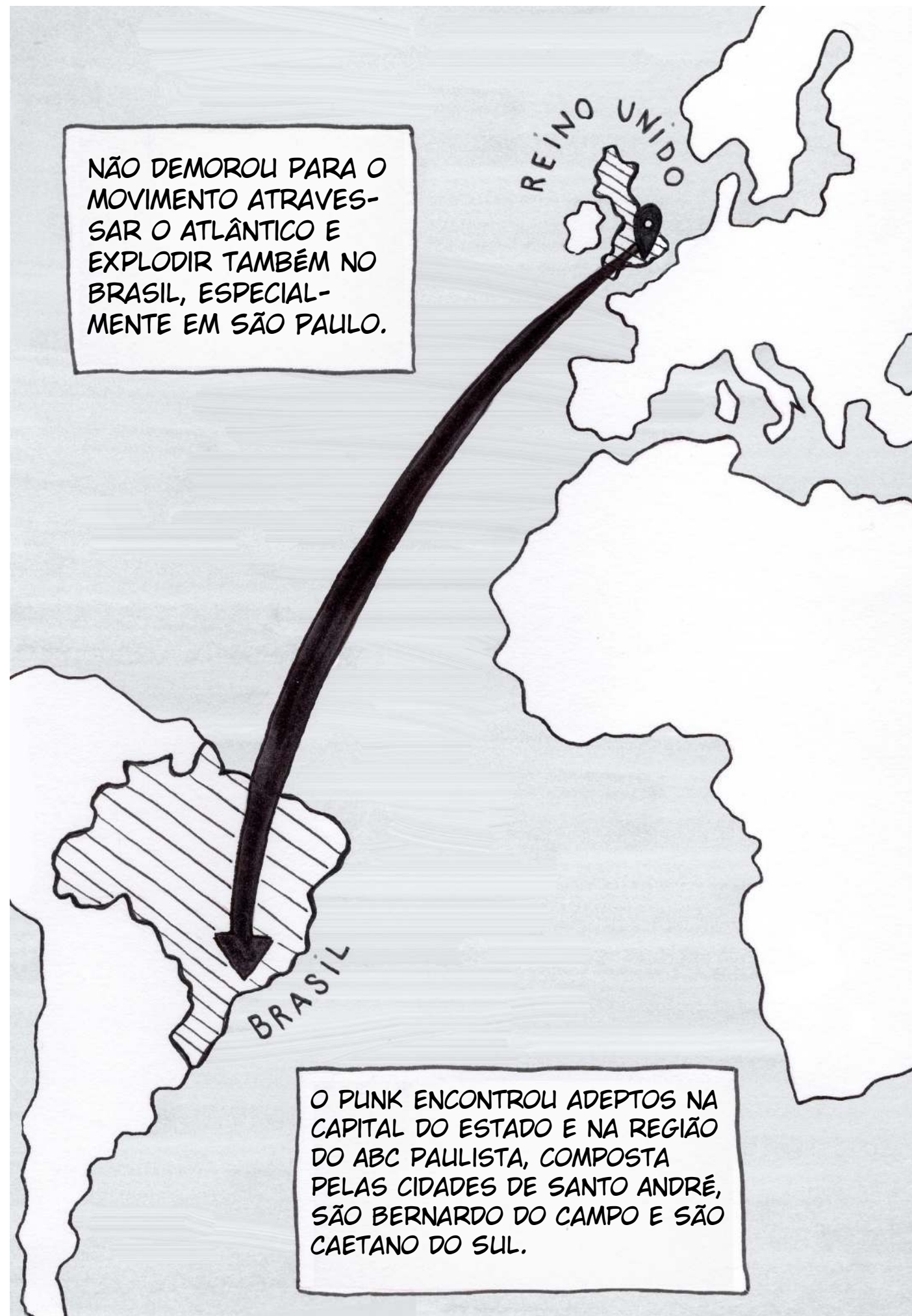
PRIMEIRA E SEGUNDA EDIÇÕES DA REVISTA, LANÇADAS EM 1976



RAMONES EM SEU PRIMEIRO SHOW NO CLUBE CBGB, BERÇO DO PUNK EM N.Y. (1979)

A PUBLICAÇÃO COBRIA A CENA MUSICAL ALTERNATIVA DE NOVA YORK, QUE, ASSIM COMO OS INGLESES, COMEÇAVA A PRODUZIR UM ROCK CADA VEZ MAIS SIMPLES, RÁPIDO E SUJO.

NÃO DEMOROU PARA O MOVIMENTO ATRAVESAR O ATLÂNTICO E EXPLODIR TAMBÉM NO BRASIL, ESPECIALMENTE EM SÃO PAULO.



O PUNK ENCONTROU ADEPTOS NA CAPITAL DO ESTADO E NA REGIÃO DO ABC PAULISTA, COMPOSTA PELAS CIDADES DE SANTO ANDRÉ, SÃO BERNARDO DO CAMPO E SÃO CAETANO DO SUL.

A VILA CAROLINA, UM BAIRRO PERIFÉRICO ENTRE A FREGUESIA DO Ó E O LIMÃO, NA ZONA NORTE DE SÃO PAULO, FOI UM DOS GRANDES BERÇOS DO PUNK NA CIDADE.



CLEMENTE NASCIMENTO

EM 1978, AOS 15 ANOS, FORMOU COM AMIGOS DA ESCOLA A PRIMEIRA BANDA PUNK BRASILEIRA, RESTOS DE NADA. HOJE É VOCALISTA E GUITARRISTA DOS GRUPOS INOCENTES E PLEBE RUDE.



A GENTE OUVIA OS SEX PISTOLS FALANDO SOBRE OS PROBLEMAS DE LONDRES E PENSAVA, "ALGUÉM TEM QUE FALAR SOBRE A NOSSA QUEBRADA".



RESTOS DE NADA (1978 - 1980)

A REBELIÃO PUNK BRASILEIRA, PORTANTO, NÃO FOI UMA CÓPIA IMPORTADA DO PUNK DE FORA, MAS UMA IDENTIFICAÇÃO ADAPTADA À REALIDADE LOCAL. NA ÉPOCA, O PAÍS VIVIA A REABERTURA POLÍTICA DA DITADURA MILITAR, PERÍODO MARCADO POR GREVES NO ABC, LEVANTES ESTUDANTIS, ALTAS TAXAS DE INFLAÇÃO E AS PRIMEIRAS ARTICULAÇÕES DO MOVIMENTO DIRETAS JÁ.



QUESTIONADO, CHICO BUARQUE AFIRMOU UMA VEZ:



SE PUNK É O LIXO, A MISÉRIA E A VIOLÊNCIA, ENTÃO NÃO PRECISAMOS IMPORTÁ-LO DA EUROPA, POIS JÁ SOMOS A VANGUARDA DO PUNK NO MUNDO INTEIRO.

O CONHECIMENTO DA JUVENTUDE BRASILEIRA SOBRE O PUNK-ROCK CHEGAVA ATRAVÉS DE REVISTAS, PROGRAMAS DE RÁDIO E DISCOS IMPORTADOS.

A GENTE ERA TUDO MOLEQUE. SÓ OLVIAMOS AS NOVIDADES QUANDO ELAS TOCAVAM NA RÁDIO OU QUANDO O FABIÃO, DA LOJA PUNK ROCK DISCOS, TRAZIA PRA GENTE O MATERIAL DAS BANDAS DE FORA.



VAL PINHEIRO
(BAIXISTA DA BANDA CÔLERA)

EU TRABALHAVA DE OFFICE-BOY E GANHAVA BEM POUCO. A GRANA IA PARA AJUDAR EM CASA E O QUE SOBRAVA EU JUNTAVA PARA TENTAR COMPRAR UM DISCO. E OS DISCOS DE PUNK ERAM CAROS, ÀS VEZES O DOBRO DO PREÇO DE UM NACIONAL.

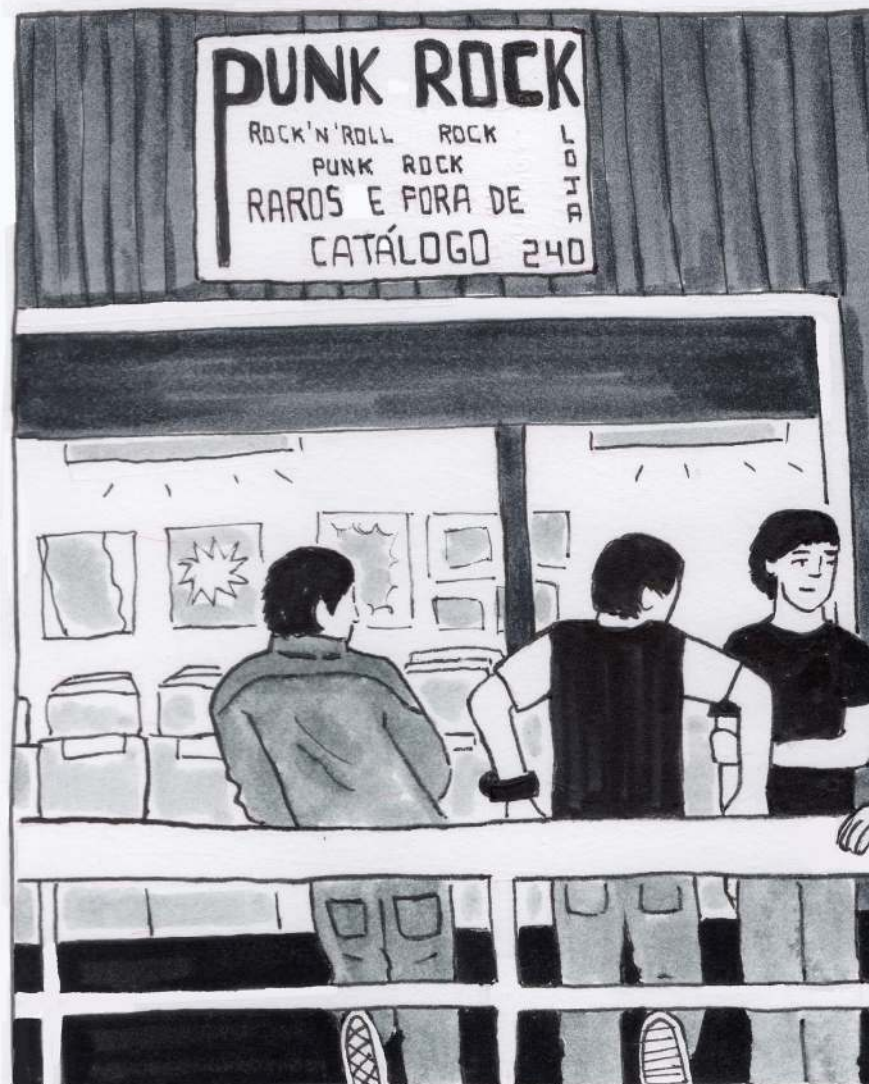


ANSELMO CARLUCCI
(BAIXISTA DAS BANDAS FOGO CRUZADO E INOCENTES)

A PUNK ROCK DISCOS VIROU O NOSSO QUARTEL GENERAL. ERA LÁ QUE A GENTE SE ABASTECIA DE MÚSICA, DE CAMISETAS, DE FANZINES E DE INFORMAÇÃO, NO GERAL.



VLADI
(BAIXISTA DA BANDA ULSTER)



ABERTA EM JUNHO DE 1979, A PUNK ROCK DISCOS FICAVA NO SEGUNDO ANDAR DA GALERIA DO ROCK, ENTÃO CONHECIDA APENAS COMO CENTRO COMERCIAL GRANDES GALERIAS, NA REGIÃO CENTRAL DE SÃO PAULO.

O DONO DA LOJA, FÁBIO SAMPAIO, TAMBÉM CANTAVA NA BANDA PUNK OLHO SECO.

LILA (GUITARRISTA DA BANDA SKIZITAS)



EU CONHECI O PUNK AOS 14 ANOS, QUANDO COMECEI A TRABALHAR EM UMA EMPRESA NA BARRA FUNDA. LÁ EU FIQUEI AMIGA DO ALEMÃO, UM GAROTO QUE TRABALHAVA NO ALMOXARIFADO.

A GENTE COSTUMAVA TROCAR DISCOS DE VINIL...



LED ZEPPELIN, MEU FAVORITO.



ISSO É UMA PORCARIA, LILA.

VOCÊ TEM QUE OLIVIR ESSE:



NO DIA SEGUINTE...



DEEP PURPLE!

NEVER MIND THE BOLLOCKS HERE'S THE SEX PISTOLS

in Rock

TAMBÉM NÃO PRESTA! TOMA.



...E FOI ASSIM QUE ELE ME LEVOU PRO PUNK.



TINHA MUITO, MUITO, MUITO MAIS MENINOS DO QUE MENINAS NO PUNK NAQUELA ÉPOCA.

...
E VOCÊ SOFREU ALGUM PRECONCEITO POR SER MULHER NESSE MOVIMENTO TÃO MASCULINO?



SOFRI, SIM. SOFRI PORQUE SEMPRE GOSTEI DE SER LIVRE, ANDAVA POR AÍ COM AS ROUPAS QUE QUERIA. USAVA MINISSAIA, DECOTE E TAL.

2º ENCONTRO DAS BANDAS PUNK S.P.
com a participação das Bandas
Pack, Olho Sêco, Inocentes, Colera, Lixo Mania, Vermineose, Anarcoplatras, Uz Morphetykuz
TEATRO DO LUSO
Rua Graça, 608 - Bom Retiro
Cia. C/S 200,00
Domingo 18:00 às 20:00 horas
C/S 100,00
Domingo 18:00 às 20:00 horas
C/S 100,00 (DOMINGO)
VIA TET - MARABÁ TODA DE SABEREMOS

PUNK AO VIVO
COM AS BANDAS
Lixo Mania - Inocentes - Guerrilha Urbana - Diabólicas - Mack - Fogo Cruzado - Desequilíbrio - Sivitas - Juízo Final - Dose Brutal e outras mais...
LOCAL: Rua Rafael de Proença n.º 433 - Santo Amaro
Dia: 13 de março de 1982 (sábado)
Horário: Começa às 17,00 horas
Termina quando você cair de boca
PUNK e PUNKINHAS - Preço Único C/S 200,00

SÓ O QUE EU ESPERAVA DOS RAPAZES ERA RESPEITO. E A MAIORIA RESPEITAVA, TÁ? MAS SEMPRE TINHA UMA LARANJA PODRE.

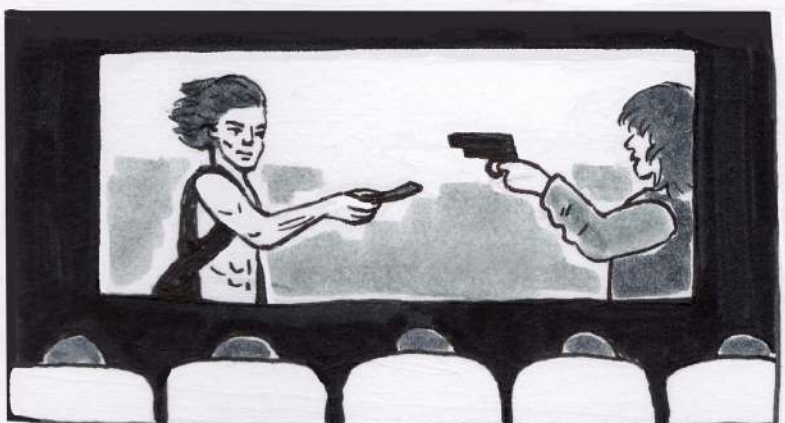


PARALELAMENTE À FORMAÇÃO DAS PRIMEIRAS BANDAS PUNK PAULISTAS, SURTIRAM TAMBÉM AS PRIMEIRAS GANGUES, MUITO INSPIRADAS PELO FILME WARRIORS: SELVAGENS DA NOITE.

LANÇADA EM 1979, A PRODUÇÃO HOLLYWOODIANA REPRATA A DISPUTA ENTRE AS GANGUES ROGUES, GRAMERCY E WARRIORS PELO DOMÍNIO DA CIDADE DE NOVA YORK.



*FILME EM EXIBIÇÃO NO CINE MARABÁ, NO CENTRO DE SÃO PAULO, EM 1980.



TODO MUNDO JÁ SAÍA DO CINEMA BRIGANDO, ACHANDO QUE ERA UM DOS WARRIORS. A VIOLÊNCIA NOS FASCINAVA MUITO.



CADA REGIÃO DO ESTADO ERA DOMINADA POR UM GRUPO DISTINTO.

PUNK ANJOS, DO ABC PAULISTA

PUNK TERROR, DE PIRITUBA

CAROLINA PUNK, DA VILA CAROLINA

HAVIA TAMBÉM OS MAQUIAVÉLICOS, DA BARRA FLUNDA; OS METRALHAS, DA ZONA LESTE; PHUNERAL PUNK, DA ZONA SUL; E MUITAS OUTRAS.

CONFLITOS ACALORADOS
TAMBÉM ACONTECIAM ENTRE
OS PUNKS DA CAPITAL E OS
DO ABC.



OS MOTIVOS PARA A
RIXA ERAM VÁRIOS.
COMO RESULTADO DAS
LUTAS OPERÁRIAS E
SINDICAIS QUE ACON-
TECIAM NA REGIÃO, OS
PUNKS DO ABC ERAM
MAIS POLITIZADOS DO
QUE OS DA CAPITAL,
E, POR ISSO, SE
CONSIDERAVAM
"MAIS PUNKS".

JÁ OS PUNKS PAULISTA-
NOS SE VANGLORIAVAM
POR TEREM MAIS ACESSO
AOS DISCOS E ÀS INFOR-
MAÇÕES QUE CHEGAVAM
DO EXTERIOR, ALÉM DE
UM VISUAL MAIS POLIDO.



OS CARAS DA CIDADE ERAM
BONITINHOS, LIMPINHOS,
JAQUETINHA DE COURO,
COTURNO ENGRAXADINHO. JÁ
O ABC ERA AQUELA COISA
PODRONA, SUJONA.

TINA RAMOS, PUNK, PARA O
DOCUMENTÁRIO BOTINADA (2012).



MUITAS VEZES NEM TINHA
MOTIVO PARA AS BRIGAS, ERA SÓ
PARA EXTRAVASAR AQUELA TES-
TOSTERONA ADOLESCENTE. QUAN-
DO VOCÊ JUNTA UM MONTE DE
MOLEQUE BRAVO, COSTUMA DAR
PROBLEMAS.

CLEMENTE



LÁ NO COMEÇO, QUANDO AS
TURMAS SE DESENTENDIAM, ELAS
SAÍAM NO SOCO E PONTO FINAL. A
COISA COMEÇOU A FICAR MAIS FEIA
QUANDO APARECERAM AS ARMAS.
A GALERA ANDAVA COM CANIVETE,
CORRENTE, REVÓLVER...

ARI BALTAZAR
(GUITARRISTA DA BANDA FOGO
CRUZADO)



ISSO ATRAPALHOU MUITO O
MOVIMENTO. CADA PUNK FICA-
VA NO SEU CANTO, ANDAR PELA
ÁREA DE UMA GANGUE RIVAL
ERA PEDIR PARA MORRER.

ANSELMO

A RIVALIDADE RENDEU EPISÓDIOS VIOLENTOS.



LIMA VEZ EU FUI COM UMA AMIGA PARA O CONSTRUÇÃO, UM DOS PRIMEIROS SALÕES DE PUNK DE SÃO PAULO. ROLOU UMA BRIGA COM O PESSOAL DO ABC E ALGUÉM ACENDEU UMA BOMBA.



SAÍDA

UM CARA DISSE "FUJAM DAQUI, VOCÊS NÃO TÊM NADA A VER COM ISSO", E A GENTE CORREU PRA FORA.



COQUETEL MOLOTOV FEITO COM UMA LATA DE CERVEJA DE AÇO, CHEIA DE PÓLVORA, BOLINHAS DE GUDE, PARAFUSOS E PREGOS.



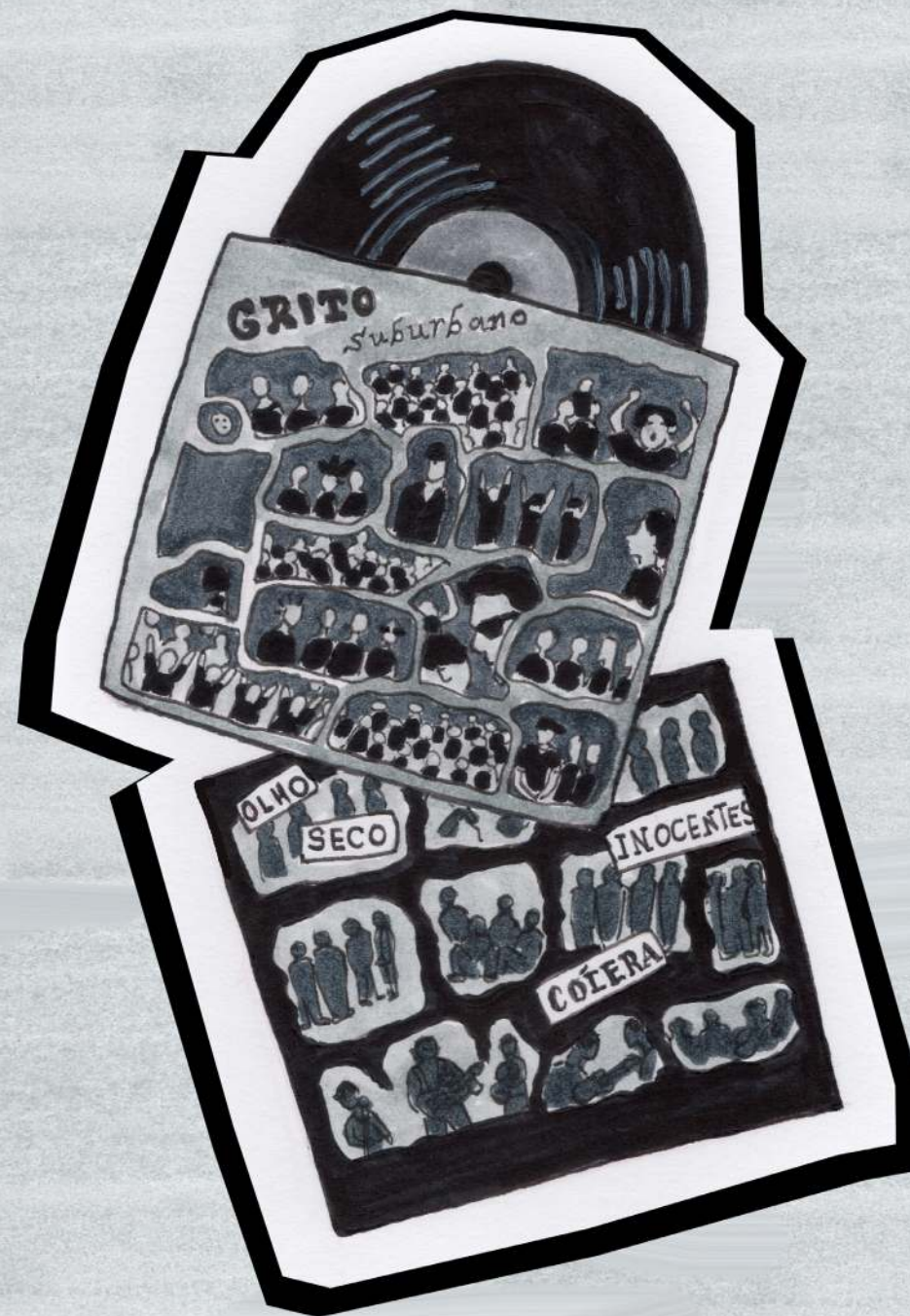
A BOMBA EXPLODIU NA MÃO DE ANTÔNIO DE PÁDUA, ENTÃO VOCALISTA DA BANDA PASSEATAS, DO ABC. ELE ACABOU TENDO O BRAÇO DIREITO AMPUTADO.

NÃO VOU SER HIPÓCRITA: A INTENÇÃO ERA MACHUCAR TODO MUNDO, MESMO. FELIZMENTE NÃO CONSEGUIMOS.



ANTÔNIO DE PÁDUA PARA O DOCUMENTÁRIO BOTINADA (2012)

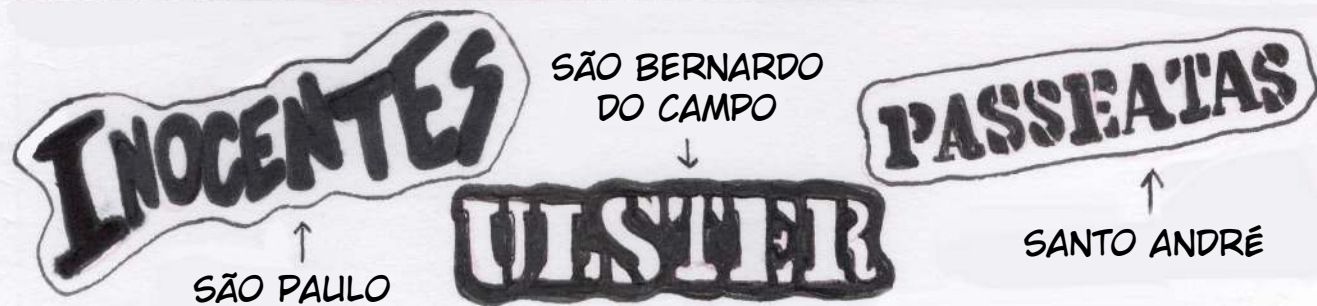
APESAR DOS PERCALÇOS, O MOVIMENTO PUNK BRASILEIRO ALCANÇOU SEU ALUGE EM 1982. EM ABRIL DAQUELE ANO, AS BANDAS OLHO SECO, INOCENTES, CÔLERA, ANARCOÓLATRAS E M-19 SE REUNIRAM PARA GRAVAR O PRIMEIRO DISCO DO PUNK NACIONAL: GRITO SUBURBANO, LANÇADO PELO SELO PRÓPRIO DA PUNK ROCK DISCOS.



A GRAVAÇÃO ACONTECEU NO ESTÚDIO GRAVODISC, NO CENTRO DE SÃO PAULO, ESPECIALIZADO EM MÚSICA EVANGÉLICA. NENHUM DOS JOVENS TINHA FAMILIARIDADE COM OS EQUIPAMENTOS E, NA PRIMEIRA SESSÃO, O SOM FICOU PÉSSIMO. FOI NECESSÁRIO REGRAVAR. ANARCOÓLATRAS E M-19 NÃO VOLTARAM PARA A SEGUNDA SESSÃO E, POR ISSO, FICARAM DE FORA DO DISCO FINAL.



O ANO TAMBÉM FOI MARCADO POR VÁRIAS TENTATIVAS DE APAZIGUAR OS ÂNI-MOS DAS GANGUES RIVAI-S. NA NOITE DE 28 DE AGOSTO DE 1982, ACONTECEU NO SALÃO BETA DA PUC, EM SÃO PAULO, O SHOW DA UNIÃO, UM EVENTO COM BANDAS DE TRÊS REGIÕES DIFERENTES:



A APRESENTAÇÃO, CONTUDO, ACABOU EM DESASTRE. POLICIAIS MILITARES DA ROTA INVADIRAM O SALÃO E O PÚBLICO SE DISPERSOU. EM MEIO À CONFUSÃO, UMA BOMBA EXPLODIU NO CENTRO ACADÊMICO DA UNIVERSIDADE. NA ÉPOCA, A QUEIMA DE ARQUIVOS ERA UMA TÁTICA COMUM DA POLÍCIA PARA BOICOTAR A TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA, MAS OS PUNKS LEVARAM A CULPA PELO ATENTADO.



DESMORALIZADO PELA GRANDE MÍDIA, O MOVIMENTO PUNK VIA A NECESSIDADE DE SE ORGANIZAR. LOGO, ACONTECE A MAIOR E MAIS OUSADA TENTATIVA DE UNIR OS PUNKS DE SÃO PAULO E OS DO ABC: O FESTIVAL O COMEÇO DO FIM DO MUNDO, NO RECÊM-INAUGURADO SESC POMPEIA.

A INICIATIVA PARTIU DE ANTONIO BIVAR, ESCRITOR E DRAMATURGO PAULISTA. BIVAR CONHECEU O PUNK NA DÉCADA DE 1970, QUANDO VIVEU EM LONDRES, EXILADO DA DITADURA MILITAR. DE VOLTA AO BRASIL, SE ENCANTOU PELA CENA PUNK NACIONAL E ESCREVEU UM LIVRO A RESPEITO.



CHAMADA 'O QUE É PUNK', A OBRA FOI PUBLICADA EM 1982 PELA COLEÇÃO PRIMEIROS PASSOS, DA EDITORA BRASILIENSE. O FESTIVAL NO SESC POMPEIA FOI IDEALIZADO COMO UMA FESTA DE LANÇAMENTO DO LIVRO.

O EVENTO ACONTECEU AO LONGO DE UM FINAL DE SEMANA, NOS DIAS 27 E 28 DE NOVEMBRO DE 1982, E CONTOU COM 20 BANDAS EM SUA PROGRAMAÇÃO OFICIAL.

SÁBADO

DOSE BRUTAL M-19

CÓLERA PSYKÖZE

JUÍZO FINAL INOCENTES

LILSTER FOGO CRUZADO

NEURÓTICOS

DESERTORES



DOMINGO

HINO MORTAL

SUBURBANOS

PASSEATAS

DECADÊNCIA SOCIAL

EXTERMINIO
OLHO SECO

LIXOMANIA

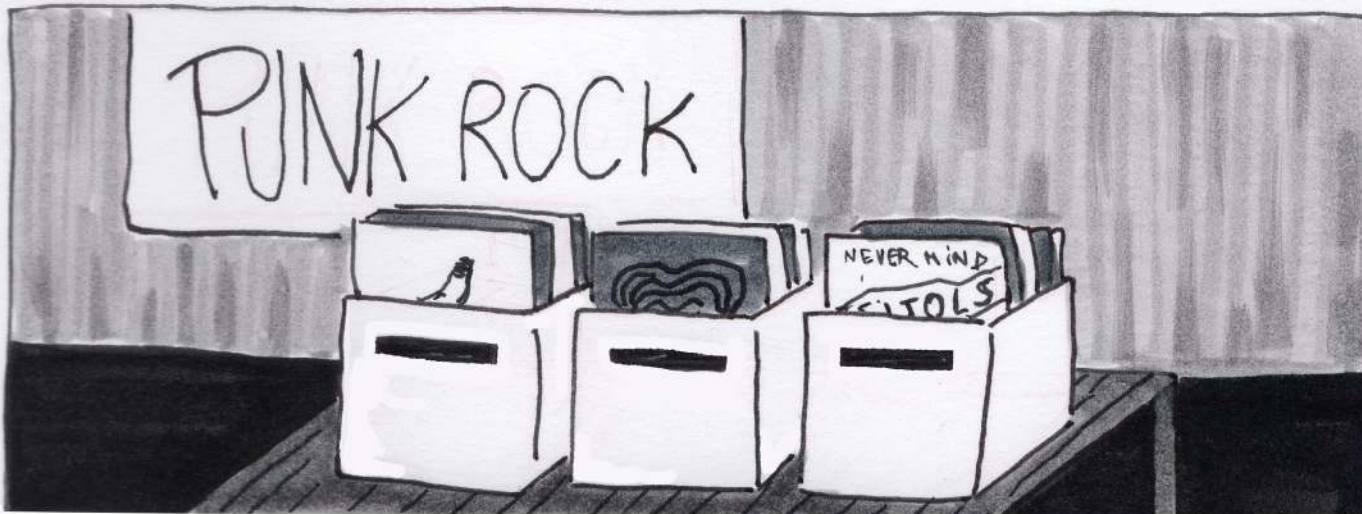
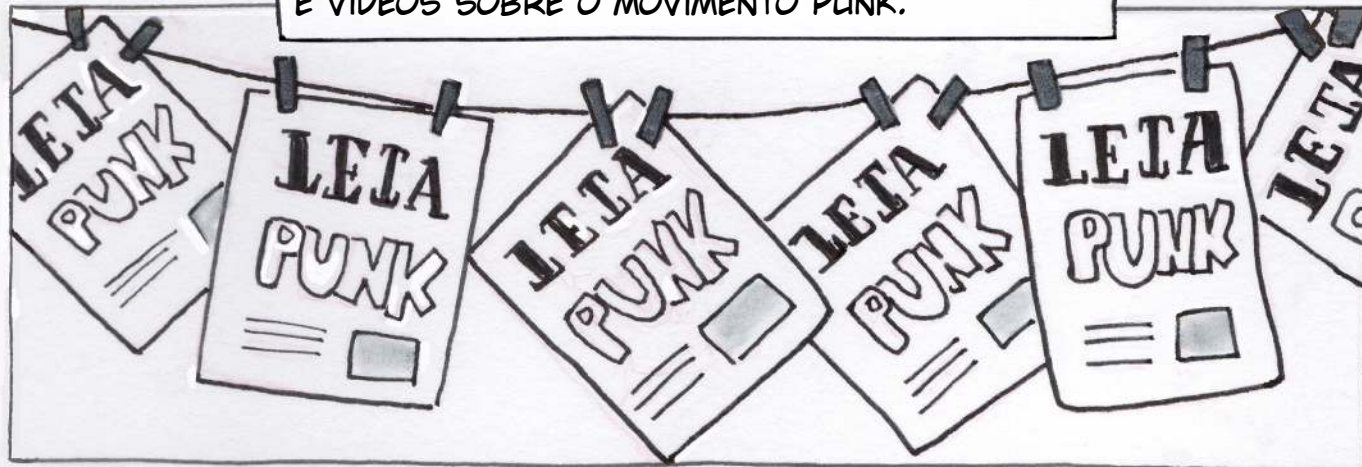
RATOS DE PORÃO

NEGLIGENTES

ESTADO DE COMA



ALÉM DOS SHOWS, O FESTIVAL CONTOU COM UMA GRANDE PARTE EXPOSITIVA, COM FOTOS, FILMES E VÍDEOS SOBRE O MOVIMENTO PUNK.



FOI A PRIMEIRA VEZ QUE A GENTE SE APRESENTOU NUM LUGAR QUE FAZIA PARTE, OFICIALMENTE, DO MAPA DA CULTURA DE SÃO PAULO. ATÉ ENTÃO A GENTE TOCAVA EM SALÕES PELA PERIFERIA, EM SOCIEDADES AMIGOS DE BAIRRO, ESCOLAS, FACULDADES... MAS O SESC ERA OUTRA COISA.

O FESTIVAL FOI ATÉ ANUNCIADO NOS JORNAIS. FOI A PRIMEIRA VEZ QUE A GENTE PÔDE MOSTRAR PARA UM PÚBLICO NÃO-PUNK O QUE ERA O PUNK.



IMAGENS DOS ACERVOS DOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E O ESTADO DE S. PAULO

A GENTE ESPERAVA QUE O FESTIVAL FOSSE REUNIR SÓ A GALERA DE SÃO PAULO E DO ABC, MAS VEIO GENTE DO BRASIL INTEIRO. TINHA PUNK DE MINAS, DO RIO DE JANEIRO, DE VÁRIAS PARTES DO BRASIL. FOI EMOCIONANTE VER TODA AQUELA GALERA JUNTA.

E A QUALIDADE DO EQUIPAMENTO DA MAIORIA DAS BANDAS ERA PRECÁRIA, ENTÃO O FESTIVAL FOI BACANA PORQUE QUEM TINHA INSTRUMENTOS MELHORES LEVOU E EMPRESTOU PARA OS OUTROS TOCAREM.



PIERRE POZZI (BATERISTA DA BANDA CÓLERA)

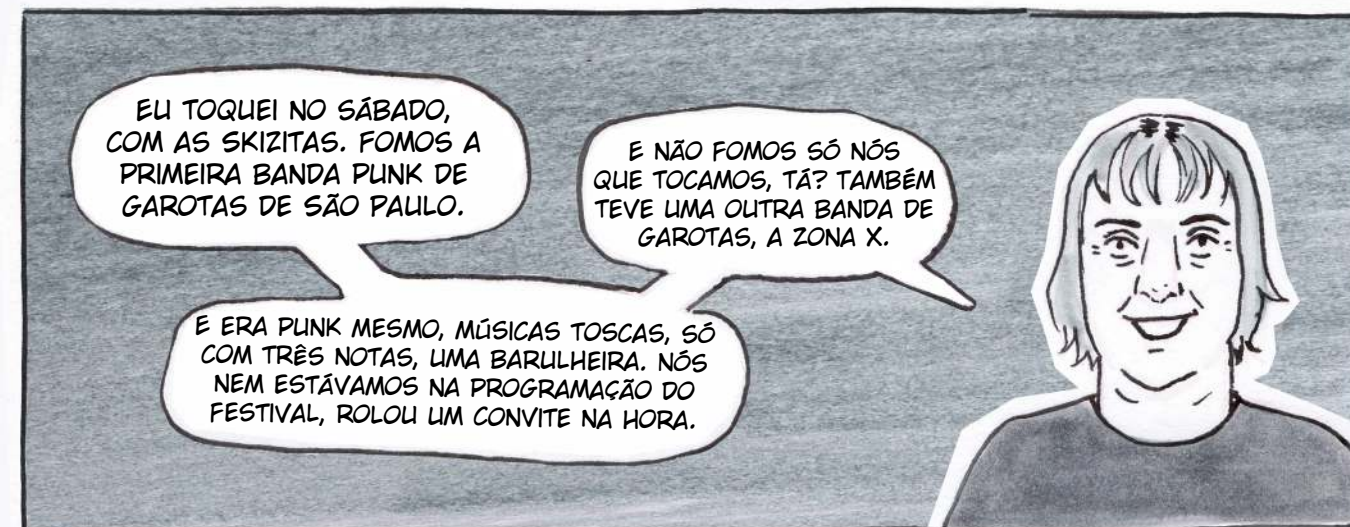


CADA BANDA SE APRESENTOU POR CERCA DE 15 MINUTOS.



AÊ, AQUI É UMA BANDA NOVA, UMA SEMANA DE ENSAIO! ISSO AQUI É OS NEGLIGENTES! MOSTRAMOS OS FATOS DESUMANOS DESSA VIDA! É NÓIS.

ALGUNS GRUPOS FORAM FORMADOS EXCLUSIVAMENTE PARA O FESTIVAL.



EU TOQUEI NO SÁBADO, COM AS SKIZITAS. FOMOS A PRIMEIRA BANDA PUNK DE GAROTAS DE SÃO PAULO.

E NÃO FOMOS SÓ NÓS QUE TOCAMOS, TÁ? TAMBÉM TEVE UMA OUTRA BANDA DE GAROTAS, A ZONA X.

E ERA PUNK MESMO, MÚSICAS TOSCAS, SÓ COM TRÊS NOTAS, UMA BARULHEIRA. NÓS NEM ESTÁVAMOS NA PROGRAMAÇÃO DO FESTIVAL, ROLOU UM CONVITE NA HORA.



AS MENINAS:

MÃRCIA

SILVANA

LUCINHA

DENISE

LILA

SKIZITAS

FÁTIMA

ESTELA

CÉLIA

DILMA

ZONA X

VOCÊ ACREDITA QUE EU
LEVEI A MINHA MÃE?



SANTANA

POMPEIA

BOM RETIRO



SAÍMOS DE CASA, EM
SANTANA, E PEGAMOS UM
ÔNIBUS QUE PASSAVA
PELO BOM RETIRO E IA
PRA POMPEIA.



FOMOS NÓS E MAIS
UMA GALERA.

NO FIM, ELA NEM VIU A
GENTE TOCAR. A GENTE
NÃO SABIA QUE HORAS
IA ENTRAR NO
PALCO, DEMOROU
MUITO, ENTÃO
ELA VOLTOU
PARA CASA.
MAS ELA
GOSTOU,
TODO
MUNDO
FOI MUITO
RESPEITOSO.



MAURO MORENO (VOCALISTA DA BANDA LIXOMANIA)



POUCO ANTES DO FES-
TIVAL, EM SETEMBRO DE
1982, A GENTE LANÇOU
O COMPACTO VIOLÊNCIA
& SOBREVIVÊNCIA*. E
CHEGOU-SE A CONCLUSÃO
QUE O DISCO NÃO FICOU
MUITO LEGAL.

O CULPADO SEMPRE É
O VOCALISTA, DISSERAM
QUE MINHA VOZ FICOU
UMA BOSTA. E O PIOR É
QUE EU CONCORDEI NA
ÉPOCA!

*PRIMEIRO DISCO SOLO DE UMA
BANDA PUNK BRASILEIRA.

ENTÃO DECIDIRAM
PELAS MINHAS
COSTAS QUE EU
ESTAVA FORA DA
BANDA. E NEM
ME AVISARAM
PESSOALMENTE,
EU SOUBE PELO
ANTONIO BIVAR.



CARA, TÔ SUPER
ANIMADO PRA
ESSE SHOW
NO SESC.

COMO ASSIM,
MORENO? CÊ NÃO
TÁ SABENDO?



SABENDO DE QUÊ?



VOCÊ NÃO
TÁ MAIS NA
BANDA.

COMO?!

EU QUE TÔ
FAZENDO A
LISTAGEM DOS
PARTICIPANTES DO
FESTIVAL E SEU
NOME NÃO
TÁ LÁ.



NA HORA EU FIQUEI EM CHOQUE.



EU AINDA FUI NO FESTIVAL COMO PARTE DO PÚBLICO. FOI LEGAL, APESAR DA FRUSTRAÇÃO DE NÃO TER SUBIDO AO PALCO COMO MÚSICO.



O EVENTO FOI ESPETACULAR, AO MESMO TEMPO QUE FOI TOSQUEIRA PRA CARAMBA, PORQUE NENHUMA BANDA ALI SABIA TOCAR. A MAIORIA DAS BANDAS PUNK NÃO SABIAM.



QUEM RECEBEU O CONVITE PARA TOCAR NO COMEÇO DO FIM DO MUNDO FOI O NOSSO GUITARRISTA, O LUIZÃO, LÁ NA PUNK ROCK DISCOS.

VLADI



VAI ROLAR UM FESTIVAL NO SESC E QUERÍAMOS SABER SE VOCÊS TOPAM TOCAR.

E ELE TOPOU. NÃO TINHA ESSE NEGÓCIO DE FICAR PENSANDO MUITO, SURTIU UMA OPORTUNIDADE DE SHOW? VAMBORA. A GENTE NEM IMAGINAVA A DIMENSÃO QUE O EVENTO IA TOMAR.



NÓS TOCAMOS NO SÁBADO, AQUELE DIA FOI TRANQUILO. A GENTE FOI DE TREM DO ABC ATÉ A POMPEIA COM O ÍNDIO, VOCALISTA DA BANDA HINO MORTAL. O CARA TAVA TOTALMENTE POSSUÍDO.



CHEGANDO NO SESC, ELE ENCONTROU UNS BARRIS GRANDÕES DE LIXO E COMEÇOU A JOGAR AQUILO PRA TODO LADO. E EU PENSAVA, "AI, MEU DEUS, DE HOJE O ÍNDIO NÃO ESCAPA". MAS ESCAPOU, O PROBLEMA MESMO FOI SÓ NO DOMINGO.

NOSSO SHOW FOI BEM AGRESSIVO. A ULSTER SEMPRE FOI UMA BANDA VIOLENTA, EM TERMOS DE SOM E DE MENSAGEM. FAZÍAMOS PROVOCAÇÕES POLÍTICAS, RELIGIOSAS, SOCIAIS...



ANDAR NAS RUAS,
CORTAR OS PULSOS E TER CORRENTES!
DESAFIAR A POLÍCIA EM TIROTEIO!
ESPALHAR A REVOLTA A SUA VOLTA!
COM VIOLÊNCIA HÁ DE VENCER!*

*TRECHO DA MÚSICA 'OS LEÕES ESTÃO MARCADOS'

NOSSO VISUAL TAMBÉM ERA CHO-CANTE. A GENTE USAVA MÁSCARAS PRETAS, PARECENDO TERRORISTAS. O NOME DA BANDA FOI INSPIRADO PELO IRA*, AFINAL.



*EXÉRCITO REPUBLICANO IRLANDÊS, GRUPO TERRORISTA QUE ATUAVA EM ULSTER, AO NORTE DA IRLANDA.

LÁ NO COMEÇO NOSSAS MÁSCARAS ERAM FEITAS COM LINS PEDAÇOS DE LYCRA. NÃO TINHA BURACO PARA OS OLHOS E NEM PARA A BOCA.



JOÃO OGRÓ
(BATERISTA DA ULSTER)



NÃO DAVA NEM CINCO MINUTOS DE SHOW E A GENTE COMEÇAVA A SUAR. O SUOR ENTRAVA NO OLHO, ARDIA MUITO E A GENTE NÃO ENXERGAVA MAIS NADA. JÁ ATÉ CAÍMOS DO PALCO. HOJE A GENTE LISA UMAS MÁSCARAS BEM MAIS CONFORTÁVEIS.



ACHO QUE FOI POR ISSO QUE A GENTE SAIU NA CAPA DE UM JORNAL NO DIA SEGUINTE E A REDE GLOBO FILMOU SÓ O NOSSO SHOW PARA A REPORTAGEM SOBRE O FESTIVAL.

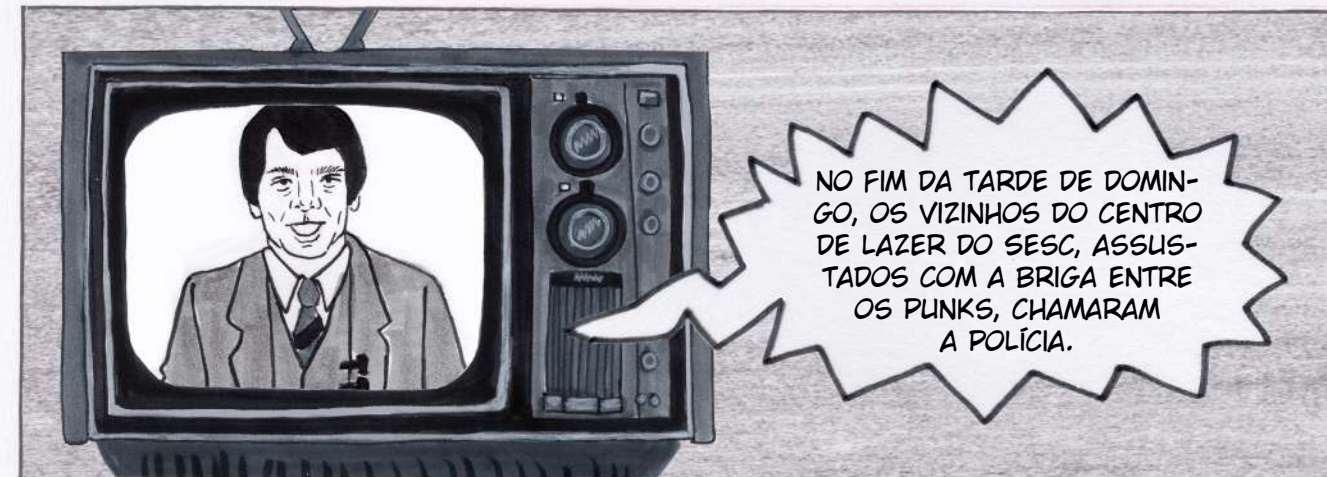


NÃO FOI PORQUE A GENTE ERA MELHOR QUE AS OUTRAS BANDAS, MUITO PELO CONTRÁRIO: A GENTE ERA UMA DAS PIORES. MAS A NOSSA IMAGEM CAUSAVA O MAIOR IMPACTO.



EM SÃO PAULO, MILHARES DE JOVENS SE REUNIRAM NESTE FIM DE SEMANA EM UM GRANDE FESTIVAL PUNK.

SERGIO CHAPELIN
JORNAL NACIONAL - 28/11/1982



NO FIM DA TARDE DE DOMINGO, OS VIZINHOS DO CENTRO DE LAZER DO SESC, ASSUSTADOS COM A BRIGA ENTRE OS PUNKS, CHAMARAM A POLÍCIA.



PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL, O MOVIMENTO PUNK CONVOCOU SEUS ADEPTOS PARA UM ENCONTRO. TRÊS MIL JOVENS LOTARAM O CENTRO DE LAZER DO SESC PAULISTA ONTEM E HOJE, NUM FESTIVAL ABERTO ONDE QUALQUER COISA VALIA.

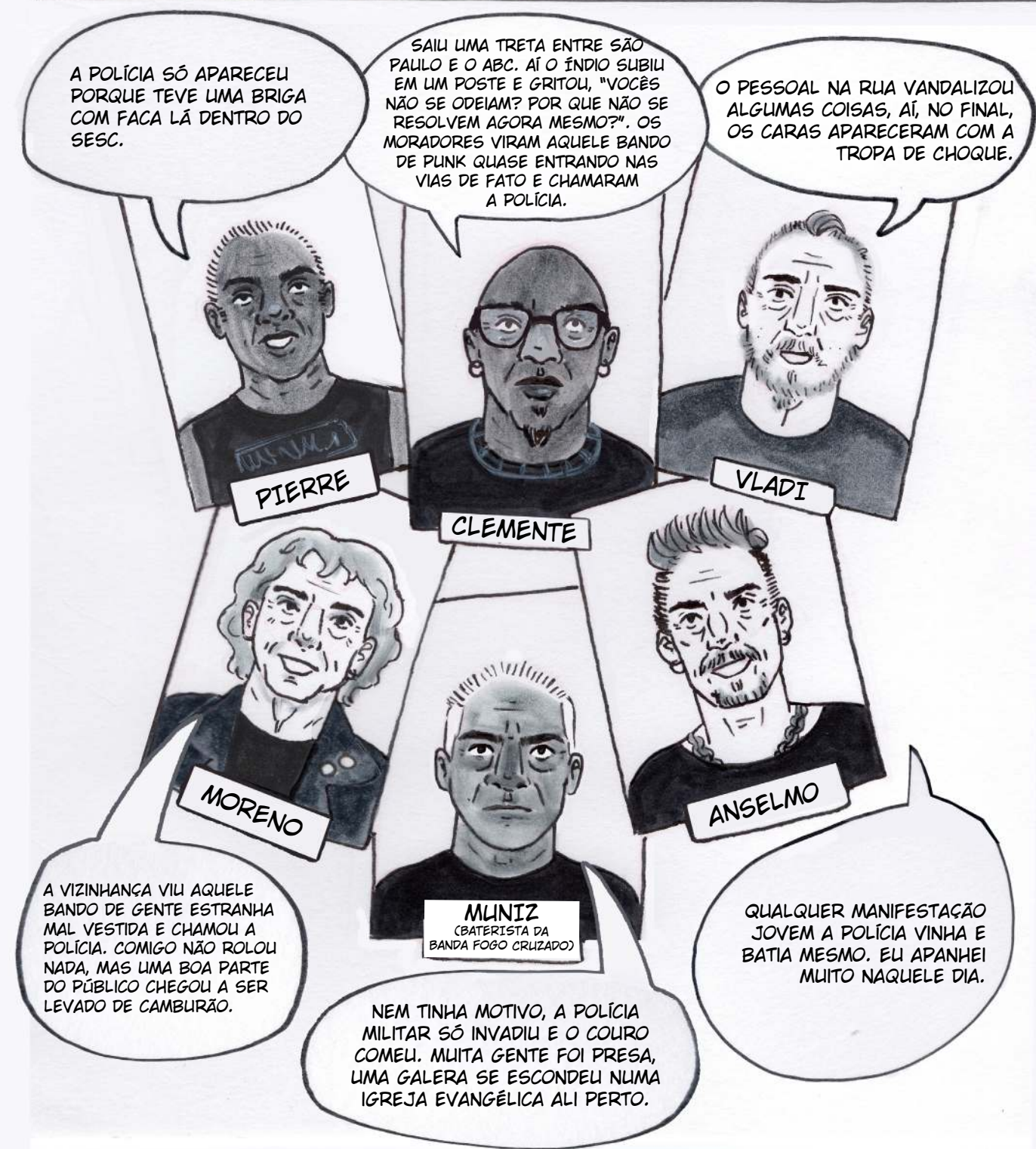


POR QUE VOCÊ PÕE UM ALFINETE NA BOCA?

É MAIS UMA FORMA DA GENTE SE LIBERTAR. UMA FORMA DE PROTESTO!



A MÚSICA PUNK É UM MONOCÓRDIO RITMADO. A DANÇA LEMBRA CENAS DE LUTA LIVRE.



A POLÍCIA SÓ APARECEU PORQUE TEVE UMA BRIGA COM FACA LÁ DENTRO DO SESC.

SAIU UMA TRETA ENTRE SÃO PAULO E O ABC. AÍ O ÍNDIO SUBIU EM UM POSTE E GRITOU, "VOCÊS NÃO SE ODEIAM? POR QUE NÃO SE RESOLVEM AGORA MESMO?". OS MORADORES VIRAM AQUELE BANDO DE PUNK QUASE ENTRANDO NAS VIAS DE FATO E CHAMARAM A POLÍCIA.

O PESSOAL NA RUA VANDALIZOU ALGUMAS COISAS, AÍ, NO FINAL, OS CARAS APARECERAM COM A TROPA DE CHOQUE.

PIERRE

CLEMENTE

VLADI

MORENO

ANSELMO

MUNIZ
(BATERISTA DA BANDA FOGO CRUZADO)

A VIZINHANÇA VIU AQUELE BANDO DE GENTE ESTRANHA MAL VESTIDA E CHAMOU A POLÍCIA. COMIGO NÃO ROLOU NADA, MAS UMA BOA PARTE DO PÚBLICO CHEGOU A SER LEVADO DE CAMBURÃO.

NEM TINHA MOTIVO, A POLÍCIA MILITAR SÓ INVADIU E O COURO COMEUI. MUITA GENTE FOI PRESA, UMA GALERA SE ESCONDEU NUMA IGREJA EVANGÉLICA ALI PERTO.

QUALQUER MANIFESTAÇÃO JOVEM A POLÍCIA VINHA E BATIA MESMO. EU APANHEI MUITO NAQUELE DIA.

APESAR DAS DISCORDÂNCIAS EM RELAÇÃO AO MOTIVO, É FATO QUE A POLÍCIA INVADIU O SESC POMPEIA NA TARDE DE DOMINGO, APÓS A APRESENTAÇÃO DA ÚLTIMA BANDA DO DIA, E REPREENDEU O PÚBLICO DO FESTIVAL COM VIOLÊNCIA. ALGUMAS PESSOAS FORAM LEVADAS À DELEGACIA E POSTERIORMENTE LIBERADAS, JÁ QUE NÃO TINHAM ANTECEDENTES CRIMINAIS.



A POLÍCIA FOI ARBITRÁRIA? FOI. MAS A TRUCULÊNCIA NÃO ERA SÓ UM SINTOMA DA DITADURA MILITAR, A POLÍCIA É VIOLENTA ATÉ HOJE. É SÓ VER A INVASÃO AO BAILE FUNK QUE ACONTECEU EM PARAISÓPOLIS HÁ LINS ANOS ATRÁS*. É QUE, NA VERDADE, COMO AQUELE FESTIVAL ACONTECEU NO SESC, A REPRESSÃO GANHOU MUITA PROJEÇÃO NA MÍDIA. NA PERIFERIA, A GENTE JÁ BRINCAVA QUE OS SHOWS TINHAM HORÁRIO PARA COMEÇAR E TERMINAVAM ASSIM QUE A POLÍCIA CHEGASSE.

*NO DIA 1 DE DEZEMBRO DE 2019, NOVE JOVENS FORAM MORTOS E OUTROS DOZE FICARAM FERIDOS EM UMA AÇÃO DA POLÍCIA MILITAR CONTRA O BAILE DA DZ7, NA FAVELA DE PARAISÓPOLIS, ZONA SUL DE SÃO PAULO. ATÉ O FECHAMENTO DESTA REPORTAGEM, EM MAIO DE 2025, NINGUÉM HAVIA SIDO PRESO.

Nove morrem pisoteados em favela após ação da PM

Polícia de SP diz que fazia perseguição, mas vídeos mostram abuso; 7 são feridos

Ao menos nove pessoas morreram pisoteadas na madrugada de ontem em um baile funk na favela de Paraisópolis, zona sul de São Paulo. Sete foram feridos.

Segundo a Polícia Militar, por volta das 5h uma moto passou atirando em policiais, que então teriam dado início a uma perseguição.

Os suspeitos teriam entrado no baile ainda disparando. De acordo com o tenente-coronel Emerson Massera, os bandidos usaram os frequentadores do evento como "escudos humanos". Jovens feridos e familiares de vítimas afirmam, porém, que a ação foi uma emboscada, e não uma perseguição.

Vídeos indicam que a ação da PM dirigiu uma multidão a vielas estreitas e com escadas. Imagens mostram policiais atirando munição não letal e batendo em pessoas.

O governador de São Paulo, João Dória (PSDB), disse em redes sociais que determinou a "apuração rigorosa" do episódio. *Cotidiano B1*

Thiago Amparo
Autoritarismo já chegou às minorias e é endêmico nas periferias

DZ7 é um dos maiores bailes funks de SP e reúne até 5.000 pessoas
Cotidiano B2

FONTE: ACERVO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO

EU RODEI MUITAS VEZES PARA A DELEGACIA. ERA SÓ TER PUNK REUNIDO QUE A POLÍCIA APARECIA TAMBÉM.



SE VOCÊ USASSE UM BRACELETE ELES TOMAVAM, SE ANDASSE DE MOICANO ELES JOGAVAM ÁGUA PARA BAIXAR O CABELO. NÃO ERA FÁCIL, NÃO.





APESAR DA CONFUSÃO QUE ROLOU NO FINAL, O COMEÇO DO FIM DO MUNDO MUDOU TOTALMENTE O CENÁRIO DO ROCK BRASILEIRO, NA MINHA OPINIÃO. NÃO SÓ O DO PUNK, O DO ROCK NACIONAL COMO UM TODO, MESMO.

LOGO DEPOIS DO EVENTO SURTIRAM AS PRIMEIRAS OPORTUNIDADES DA GENTE ASSINAR COM GRANDES GRAVADORAS. MAS OS CARAS QUERIAM MANDAR MUITO, CONTROLAR O NOSSO SOM, ENTÃO PULAMOS FORA.



AO LONGO DE 45 ANOS DE CARREIRA, CÔLERA JÁ LANÇOU 8 ÁLBUNS DE ESTÚDIO E DIVERSAS COLETÂNEAS, TODAS SOB O SELO INDEPENDENTE ATAQUE FRONTAL, CRIADO EM 1983 PELO ENTÃO VOCALISTA REDSON POZZI (1962 - 2011).

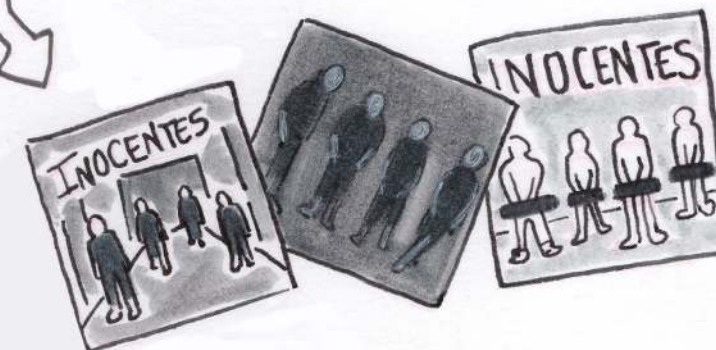


SOMOS INDEPENDENTES ATÉ HOJE, NÃO TOPAMOS ENTRAR NESSA MÁQUINA. MAS EU NÃO CRITICO NINGUÉM QUE TOPOU, ÀS VEZES VOCÊ PRECISA SE SUBMETER A CERTAS EXIGÊNCIAS PARA SOBREVIVER. CADA UM CUIDA DA SUA E CADA UM É FELIZ DO SEU JEITO.



O FESTIVAL NÃO PASSOU SEM DEIXAR SUAS MARCAS. LINS ANOS DEPOIS NÓS ASSINAMOS COM A WARNER MUSIC E LANÇAMOS ALGUNS DISCOS.

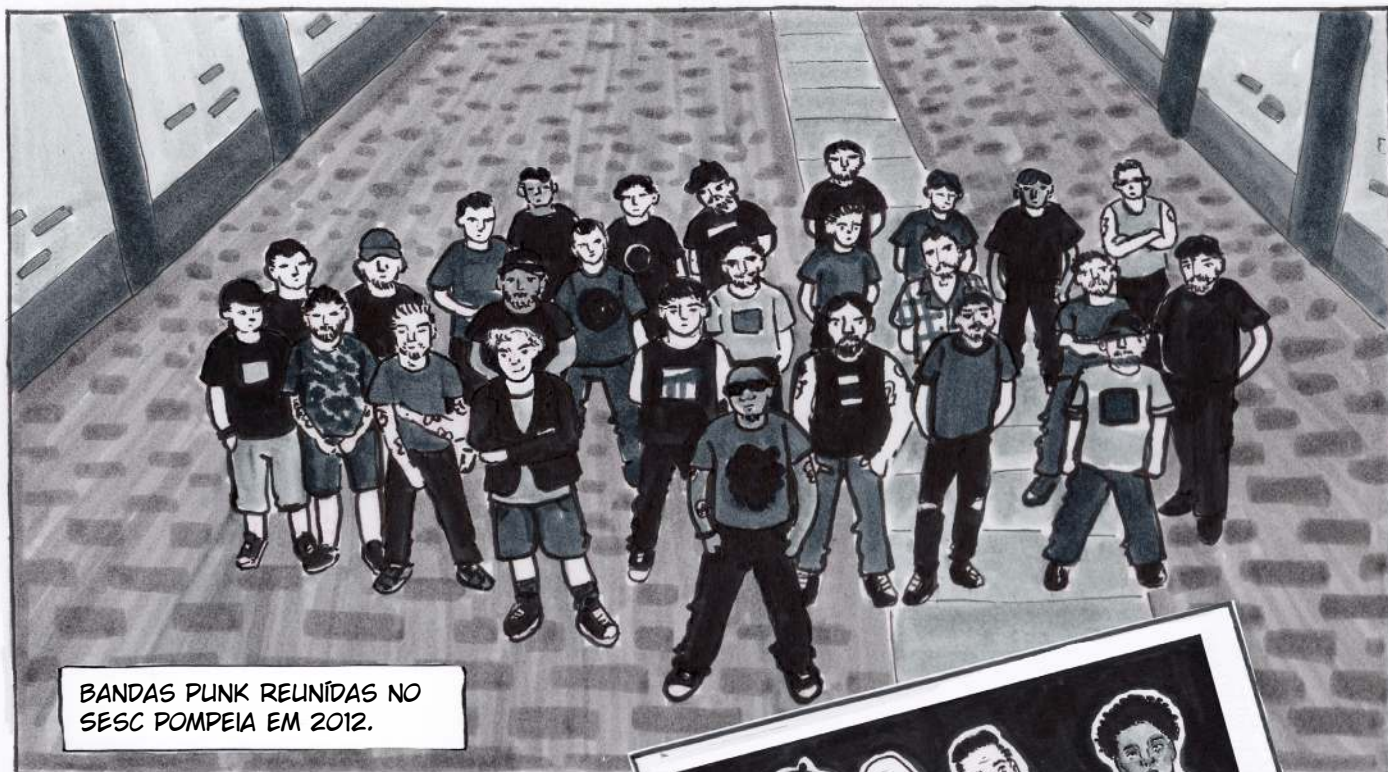
INOCENTES FOI A PRIMEIRA BANDA PUNK BRASILEIRA CONTRATADA POR UMA GRAVADORA MULTINACIONAL. O GRUPO LANÇOU TRÊS DISCOS SOB O SELO DA WARNER ENTRE 1986 E 1989, QUANDO O CONTRATO FOI DISSOLVIDO.



POUCOS GRUPOS DA CENA PUNK PAULISTA TIVERAM CARREIRAS TÃO LONGEVAS QUANTO CÔLERA E INOCENTES. ALGUMAS ENCERRARAM SUAS ATIVIDADES NOS ANOS SEGUINTE AO FESTIVAL, COMO CONSEQUÊNCIA DO AUMENTO DA VIOLÊNCIA ENTRE GANGUES; E OUTRAS SE DISTANCIARAM DO PUNK, COMO O RATOS DE PORÃO, QUE PASSOU A SE DEDICAR AO GÊNERO HARDCORE. O ÚNICO REGISTRO FONOGRAFICO DE MUITAS BANDAS DA ÉPOCA ESTÁ NO LP 'O COMEÇO DO FIM DO MUNDO', GRAVADO AO VIVO NO SESC POMPEIA DURANTE O EVENTO.



LANÇADO EM 1983, O ÁLBUM REÚNE MÚSICAS DE 19 DOS 22 GRUPOS QUE SE APRESENTARAM NO FESTIVAL. OS SHOWS DAS BANDAS FEMININAS SKIZITAS E ZONA X NÃO FORAM GRAVADOS. JÁ ULSTER, DESCONTENTE COM A QUALIDADE DA GRAVAÇÃO, SE RECUSOU A PARTICIPAR DA COLETÂNEA. AS BANDAS RECEBERAM CÓPIAS DO DISCO COMO CACHÊ PELA SUA PARTICIPAÇÃO NO EVENTO. HOJE, É ITEM DE COLECIONADOR E IMPORTANTE REGISTRO HISTÓRICO DA MAIS AUDACIOSA MANIFESTAÇÃO DO MOVIMENTO PUNK PAULISTA.



BANDAS PUNK RELINIDAS NO SESC POMPEIA EM 2012.

QUASE TRINTA ANOS APÓS AQUELE CÉLEBRE FIM DE SEMANA, EM MARÇO DE 2012, O SESC PROMOVEU UMA REEDIÇÃO COMEMORATIVA DO FESTIVAL, CHAMADA "O FIM DO MUNDO, EN-FIM". A PROGRAMAÇÃO CONTOU COM BANDAS QUE TOCARAM NO EVENTO ORIGINAL E TAMBÉM COM NOVOS GRUPOS, QUE SURGIRAM NAS DÉCADAS SEGUINTE POR INFLUÊNCIA DA CENA PUNK PAULISTA DOS ANOS 1970 E 1980.

AO LONGO DE QUATRO DIAS DE EVENTO, SE APRESENTARAM AS BANDAS VETERANAS INOCENTES E RATOS DE PORÃO, BEM COMO AS NOVATAS GAROTOS PODRES, OS EXCLUÍDOS, FLICTS, INVASORES DE CÉREBROS, QUESTIONS, DEVOTOS E ATTAQUE 77.



GAROTOS PODRES

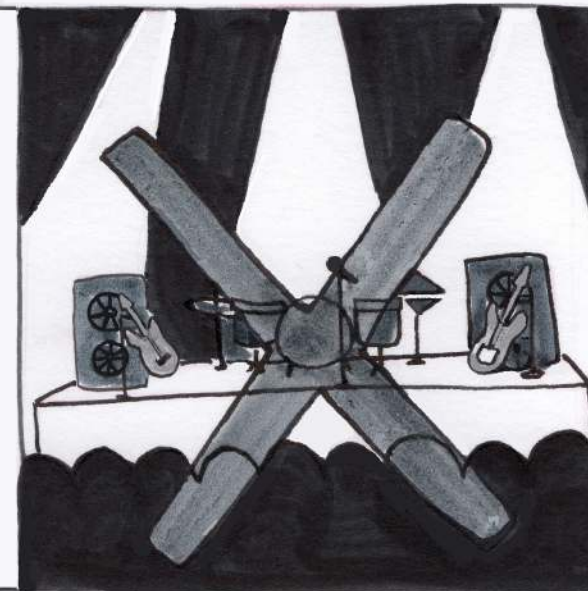


INVASORES DE CÉREBROS



OS EXCLUÍDOS

CURIOSAMENTE, A EDIÇÃO DE 2012 DO FESTIVAL TAMBÉM FOI INTERROMPIDA PELA POLÍCIA MILITAR, AINDA QUE DE FORMA BEM MAIS COMEDIDA.



AS BANDAS LIXOMANIA, CÔLERA E OLHO SECO DEVERIAM TOCAR GRATUITAMENTE EM UM QUINTO E ÚLTIMO DIA DE FESTIVAL, QUE FOI CANCELADO POR DECISÃO DA POLÍCIA. O MOTIVO FOI UMA POSSÍVEL SUPERLOTAÇÃO DO ESPAÇO DO SESC, QUE PODERIA COLOCAR A SEGURANÇA DO PÚBLICO EM RISCO.

NA ÉPOCA, ANTONIO BIVAR VIU O OCORRIDO COM BONS OLHOS:

O PUNK É ALTERNATIVO, NÃO FAZ SUCESSO DE MASSA, MAS É UMA CENA SÓLIDA, QUE SE RENOVA E SE SUSTENTA*.



*EM ENTREVISTA PARA A FOLHA DE S.PAULO, 2012.

f i l m

PROJETO APRESENTADO NA DISCIPLINA TRABALHO
DE CONCLUSÃO DE CURSO II DO CURSO DE
JORNALISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO
PAULO, COMO REQUISITO OBRIGATÓRIO PARA
OBTENÇÃO DO TÍTULO DE BACHAREL
EM JORNALISMO.

TEXTO E ILUSTRAÇÕES: MARIANA CARNEIRO

ORIENTADOR: PROFESSOR. DR. CELBI PEGORARO

LIMA REPORTAGEM EM QUADRINHOS SOBRE
A ASCENSÃO DO MOVIMENTO PUNK EM SÃO
PAULO EM MEIO À DITADURA MILITAR

